



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**CONTOS DO POVO DE UM LUGAR: memórias, histórias e
perspectivas de existência no bairro da Torre**

Rafael Viana Pereira de Araújo

JOÃO PESSOA

2024

RAFAEL VIANA PEREIRA DE ARAÚJO

**CONTOS DO POVO DE UM LUGAR: memórias, histórias e
perspectivas de existência no bairro da Torre**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a Conclusão do
Curso de Bacharelado em Terapia
Ocupacional da Universidade Federal da
Paraíba.

Orientadora: Marília Meyer Bregalda

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663c Araújo, Rafael Viana Pereira de.
Contos do Povo de um Lugar : memórias, histórias e
perspectivas de existência no bairro da Torre / Rafael
Viana Pereira de Araújo. - João Pessoa, 2024.
58 f. : il.

Orientadora : Marília Meyer Bregalda.
TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Biografia. 2. Memória. 3. Pertencimento. 4.
Territorialidade. I. Bregalda, Marília Meyer. II.
Título.

UFPB/CCS

CDU 929

RAFAEL VIANA PEREIRA DE ARAÚJO

CONTOS DO POVO DE UM LUGAR: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS
DE EXISTÊNCIA NO BAIRRO DA TORRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, apreciado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Aprovado em: 26 / 04 / 2024

COMISSÃO EXAMINADORA

Mm Bregalda

Marília Meyer Bregalda
Universidade Federal da Paraíba



Documento assinado digitalmente
RICARDO LOPES CORREIA
Data: 02/05/2024 08:23:43-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Ricardo Lopes Correia
Faculdade de Medicina - Universidade Federal do Rio de Janeiro



Documento assinado digitalmente
CAROLINA COUTO DA MATA
Data: 02/05/2024 10:38:26-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Carolina Couto da Mata
Universidade Federal da Paraíba

Ao meu irmão Daniel Henrique,
que teve sua história de vida tão precocemente
interrompida.

À nossa mãe Maria Gorete,
que continuou a sua história faltando um pedaço.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me deu suporte durante todo o processo de graduação e realização deste trabalho, especialmente meu esposo, Gérson Viana, e minha mãe Maria Gorete.

À minha avó Lindalva, que aos 101 anos me inspira o amor à vida e o respeito aos meus antepassados.

A todos os amigos e amigas que atravessaram o meu caminho na Universidade Federal da Paraíba e que ajudaram de forma direta ou indiretamente no meu processo contínuo de aprendizagem.

Às professoras e professores, especialmente as docentes do Departamento de Terapia Ocupacional por todo acolhimento e contribuição à minha formação profissional.

À professora Ana Lúcia Basílio Carneiro, a Júlio César Basílio e a todos do projeto de extensão Neuroconexões: Saúde, bem-estar e práticas integrativas e complementares, nos quais foram fundamentais para o andamento e metodologia desta pesquisa.

À professora Clarice Ribeiro por ter sido a pessoa que ouviu as primeiras ideias para esta pesquisa e por ter indicado a professora Marília Meyer Bregalda para orientar este trabalho.

À professora e minha orientadora Marília, que iluminou meus caminhos ao encontro do bairro da Torre e inspirou a percorrer as avenidas, vilas, casas, bares e becos, pessoas e carnavais em busca de relatos de vida. Hoje, ela é tão torrelandense como qualquer outro que tenha nascido neste lugar.

Por fim, ao bairro da Torre, por ter me dado régua e compasso, por ter me criado, por ter me feito, por ter alegrado meus dias e noites e por ter acolhido minhas dores.

A estes e estas, muito obrigado.

“Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.”

(Liev Tolstói, 2017)

RESUMO

Os seres humanos mantêm relação com o meio através de uma interação permeada de símbolos, criando, a partir de suas singularidades, significados únicos com e para o mundo. Ao tempo em que transformam a natureza, constroem suas relações sociais refletidas na sua historicidade. Dito isto, o objetivo geral desta pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória é compreender a relação dos moradores do bairro da Torre com o território local através dos relatos biográficos individuais, e identificar a ligação destas histórias com a constituição da história local. A partir destes relatos, buscam-se elementos que indiquem pertencimento e identificação territorial com o bairro, ao mesmo tempo em que se pretende observar as formas de viver das pessoas que experimentam a Torre. Para isso, foram selecionados seis moradores do bairro devido as suas notáveis contribuições para a constituição da história da Torre e de sua cultura. A coleta dos relatos se deu presencialmente através da gravação das entrevistas abertas baseadas em um roteiro orientador. As gravações foram transcritas e a análise dos relatos foi realizada de acordo com as fases de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016), assim como foram submetidas ao software IRAMUTEQ para obtenção de gráficos ilustrando as conexões entre as categorias encontradas na análise. Os moradores relataram sobre a importância das manifestações de cultura popular e das tradições locais como forma de manutenção da identidade cultural do bairro. Já a sensação de pertencimento pode ser encontrada nos vínculos comunitários, familiares, na ligação com antepassados e a ancestralidade, e na rede de solidariedade comunitária. Os impactos da violência urbana, do avanço desenfreado do comércio, da especulação imobiliária e da globalização homogeneizadora, pautam as transformações socioespaciais observadas no território e podem levar ao desenraizamento dos moradores em relação à pertença territorial e identidade local. Então, faz-se importante refletir sobre o planejamento do desenvolvimento urbano que inclua as singularidades territoriais e respeite a cultura local, permitindo a manutenção da memória do bairro, logo de sua história.

Palavras-chave: biografia; memória; pertencimento; territorialidade.

ABSTRACT

Human beings maintain a relationship with the environment through an interaction permeated by symbols, creating, from their singularities, unique meanings with and for the world. At the same time as they transform nature, they build their social relations reflected in their historicity. That said, the general objective of this qualitative, descriptive and exploratory research is to understand the relationship between the residents of the Torre neighborhood and the local territory through individual biographical accounts, and to identify the connection between these stories and the constitution of local history. From these reports, elements are sought that indicate belonging and territorial identification with the neighborhood, at the same time as we intend to observe the ways of living of the people who experience the Tower. For this, six residents of the neighborhood were selected due to their notable contributions to the constitution of the history of the Tower and its culture. The reports were collected in person through the recording of open interviews based on a guiding script. The recordings were transcribed and the reports were analyzed according to the content analysis phases of Laurence Bardin (2016), as well as being submitted to the IRAMUTEQ software to obtain graphs illustrating the connections between the categories found in the analysis. Residents reported on the importance of manifestations of popular culture and local traditions as a way of maintaining the neighborhood's cultural identity. The feeling of belonging can be found in community and family ties, in the connection with ancestors and ancestry, and in the network of community solidarity. The impacts of urban violence, the unbridled advance of commerce, real estate speculation and homogenizing globalization, guide the socio-spatial transformations observed in the territory and can lead to the uprooting of residents in relation to territorial belonging and local identity. Therefore, it is important to reflect on urban development planning that includes territorial singularities and respects local culture, allowing the maintenance of the neighborhood's memory, and its history.

Keywords: biography; memory; belonging; territoriality.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA: o trajeto para a imersão territorial	16
3 NARRATIVAS: os cenários da palavra contada	19
4 RESULTADOS: relatos íntimos	27
5 DISCUSSÃO	40
5.1 Através da memória: eu sou	40
5.2 Através dos vínculos: eu pertença	45
5.3 Através do tempo: eu- processo	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS?	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APÊNDICE - ROTEIRO DE QUESTÕES ORIENTADORAS PARA A ENTREVISTA ABERTA	58

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, este é um trabalho íntimo. O que aqui concluo não está próximo, de forma alguma, do esgotamento dos assuntos e percepções acerca do bairro onde eu nasci e que ainda moro, a Torre. Seu número populacional, de 15. 103 habitantes, e seu território calculado em 215,99 hectares, revela dimensões pequenas relacionadas aos outros bairros maiores de João Pessoa, ao mesmo tempo que expõe uma proximidade maior entre os seus moradores, pois uma caminhada breve contempla o conhecimento espacial de todo o local. É um território de trabalhadores que atuam no Mercado Público da Torre e nos diversos estabelecimentos comerciais em constante expansão pelo bairro, sendo o segundo que possui mais atividades econômicas, entre serviços e comércio, depois do Centro da cidade (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 2010). Mesmo com este avanço, a Torre ainda é considerada como um bairro residencial. Seus limites geográficos, da Avenida Dom Pedro II e Mata do Buraquinho ao Sul, bairro dos Expedicionários e Rio Jaguaribe ao Leste, Centro a Oeste, e Avenida Epitácio Pessoa ao Norte, delimitam um bairro que abriga histórias de pessoas e seus antepassados, que atuaram para a expansão da cidade de João Pessoa em direção ao Leste, onde se localizam as praias (Serrano, 2018).

Parece-me que, ao assumir o papel de um pesquisador, também me senti um tanto visitante na Torre. No processo de formulação desta pesquisa fiz o exercício de visitar o próprio lugar onde nasci e cresci com olhos de contemplação.

Como um visitante, cheguei ao bairro pela Avenida Dom Pedro II, limite sul do território. Fui recebido pelo verde da Mata do Buraquinho e pelas charges políticas do ilustrador Régis Soares. Um pouco mais à frente, eu, o curioso visitante, pude ouvir os sons dos tambores do Templo Religioso de Umbanda Nossa Senhora do Carmo e sentir o cheiro da mirra defumando os fiéis da Igreja São Judas Tadeu. Pousei nas praças e senti a vibração das torcidas pelos meninos, meninas e adultos, todos jogadores e jogadoras de futebol de salão, comemorando o gol marcado.

O visitante em mim entendeu o desejo da comunidade de estar nas ruas, em coletivo, pendurando as bandeirinhas de São João que ardem internamente a fogueira proibida de queimar em espaços urbanos de João Pessoa. Ouviu, ao longe o cavaquinho solitário entoando os acordes de velhos sambistas, ou o fole da sanfona em sintonia com a nostalgia dos antigos pavilhões que sediavam as Quadrilhas Juninas torrelendenses. Como um determinado visitante, entrei nas vilas, a convite das senhoras e senhores para

tomar um café. Agradecido continuei, e cansado da andança, pude assentar-me no banco da Praça Pedro Gondin em meio ao movimentado trânsito da Avenida Nossa Senhora de Fátima, que leva os motoristas aos seus destinos no Centro da cidade.

Como num alçapão percebi que já era noite, e encontrei torcedores flamenguistas fervorosos, um violonista rodeado de pessoas cantando em coro a canção que ele entoava, e senti um arrepio na pele ao ouvir alguém de dentro de alguma casa que soprava o trompete para o ensaio de um ano inteiro esperando tocar a marchinha de carnaval “A cueca” de Livardo Alves. Fui levado pelo som grave do surdo deparando-me com o Pavilhão da Escola de Samba Malandros do Morro sendo alavancado pela porta-bandeira. Os meus olhos de contemplação refletiam as lantejoulas e paetês da roupa reluzente da flutuante dançarina.

Adentrei mais as ruas, e observei os cânticos de bregas e boleros sendo cantados pelos musicistas amadores do Karaokê do Biu. Conversei com os ébrios, que serviram-me um gelado copo de cerveja. Tornei-me ébrio também. Respirei a boemia já pouca do bairro, mas ainda pulsante. Com os primeiros raios de sol anunciando o novo dia, eu, agora um visitante que gargalha aos contos das engraçadas desventuras vividas com os amigos de última hora que me guiaram até a praça de alimentação do Mercado Público da Torre. Lá, serviram-me um prato reforçado de macaxeira com carne guisada no famoso café da manhã que recebe trabalhadores e festejantes noturnos chegados da madrugada. Aproveitei o pouco tempo que tinha de trânsito pelo bairro para comprar frutas e verduras frescas, temperos moídos na hora e um chapéu de palha para me proteger do sol, que já ardia. Ao ouvir um som metálico, perceberei que a população vai dormir aos batuques dos terreiros e acorda com o badalar dos sinos das igrejas.

Ao olhar para trás, o visitante em mim entendeu o fluxo passageiro que o bairro da Torre tem para grande parte da população de João Pessoa. É de se imaginar que não é difícil parar um pouco no meio do caminho (Torre) para escapar um tanto do destino traçado diariamente e fazer a feira da semana no Mercado da Torre, ou comer um espetinho com um gole de cerveja.

Antes de retornar a mim mesmo, deparei-me com a Mata do Buraquinho o que me transportou ao dia 05 de maio de 2002. Na noite daquele domingo, chegou uma suposição sobre o destino do meu irmão, Daniel Henrique, que ainda não havia retornado para casa desde o dia 03 de maio. A notícia que corria à boca miúda pelo bairro chegou aos ouvidos de minha mãe como uma faca que atravessa o estômago, rasgando o âmago. O filho dela havia sido assassinado naquela Mata. Num ato de desespero profundamente contido, ela

sentou no terraço do quintal da nossa casa, segurou a toalha do meu irmão no colo, ainda com seu cheiro do último banho, e movimentou aquele pedaço de pano como se estivesse a embalar o corpo do filho na esperança de que tudo que ouviu seria uma mera suposição. Ao anúncio do próximo dia, a própria juventude da Torre se reuniu em busca de algum vestígio da presença de Daniel na densa mata. Por entre as folhas caídas no chão das centenárias árvores estava repousara jaz o corpo sem vida do meu irmão. Sim, foi a comunidade do bairro que o encontrou, num esforço coletivo que culminou na dor de um povo. Ao enterrar o filho, minha mãe viu se encerrar a biografia de Daniel, e junto enterrou metade dela.

Quanto a minha mãe, sua biografia continuou por um tempo inerte, impactada, e para sempre hemiplégica, faltando um pedaço do corpo outrora sepultado. Quanto a mim, o visitante que está prestes a terminar sua jornada, continuei minha vida sendo um pouco a outra parte que faltava no corpo e na alma de minha mãe. Na verdade, mesmo partindo para outros lugares, sinto que nós dois sempre estaremos na natureza selvagem envoltos daquelas imensas árvores, ouvindo os sons daquela mata, e deixando um tanto de nós lá, aguardando que os escafandristas do futuro nos resgatem da floresta fechada.

O eu- visitante partiu e experimentou o poético, o lúdico e o lirismo urbano da Torre, ao mesmo tempo que viveu o maldito, o adverso, e os eventos que resultaram nas memórias que desejaria esquecer. Soube ali que minha história estará entrelaçada eternamente à Torre, pois estarei, junto com os moradores desse território, compondo a memória do bairro.

Ao ler estas palavras, caro leitor e passageiro, trouxe você comigo, numa carona por meio do trajeto das minhas lembranças, esperando que, por um breve momento você tenha se possibilitado a sentir os cheiros, a brisa na praça, o refrescante gole de cerveja, o acolhedor cafezinho, saboreado um delicioso café da manhã, e a ter chorado e sorrido comigo. Você esteve no bairro da Torre por meio da palavra transbordada de memória e de afetos. Seja muito bem-vindo às páginas da vida, dos amores, das paixões, desventuras e experiências do povo de um lugar chamado Torre.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano tem relação intrínseca com a natureza, mas dela se diferencia ao encontrar no mundo físico a oportunidade para criar simbologias, concedendo ao universo natural significados singulares, mudando e moldando as configurações espaciais do planeta e construindo, assim, a história (Mata, 2004). Tendo consciência de sua temporalidade e buscando sentido na existência, o ser humano tende a perceber o passado, localizar-se no presente e se apresentar para o futuro na sua interação com o meio, com sua cultura e sua historicidade (Jorge, 1995).

A ação de contar histórias acompanha a humanidade desde sua aurora. Nas cavernas, a narração das ocorrências do cotidiano, muito antes deste termo ser conceituado, já era expressa em pinturas rupestres. Por meio dessa prática, o ser humano preserva a sua memória, partilha a sua cultura, revela suas emoções e se manifesta através das narrativas de suas experiências de vida. Contar uma história traduz-se em uma prática social que fortalece interação e vínculos, visto que o ser humano é um ser relacional e exprime suas narrativas de acordo com sua visão de mundo (Santos, 2020).

A história de vida é parte essencial da construção e afirmação da identidade dos indivíduos; através dos relatos biográficos essa vida contada revela o universo no qual eles estão inseridos, fazendo uma ponte entre o que é singular e o que é coletivamente experimentado, contextualizado intimamente à conjuntura social em que se encontram. Isso oportuniza ao narrador a contemplação de sua própria vivência pregressa (Silva *et al.*, 2007). A história individual está profundamente relacionada à história de um povo, numa retroalimentação (Minayo, 2014).

Evocar a lembrança requer um espírito alerta para olhar o passado e entendê-lo no seu tempo-espaço. A evocação constitui-se através da consciência do presente e aciona processos de autoconhecimento; sem o emprego da reflexão, o acontecimento rememorado se restringiria a uma imagem qualquer, sem o poder de atribuir sentido à memória que foi construída pelo que afetou e causou o seu registro. Então, a matéria da lembrança é aquela cujo impacto na biografia do indivíduo teve significado e é acompanhada de sentimentos. O que fixa na memória é rico em significado, e sua rememoração não é apenas uma recorrência do antigo, mas sim uma reaparição deste, a partir da lente do agora (Bosi, 1979).

A memória social, que dialoga com a construção da história de vida individual, é uma constituição de um espaço e de um tempo coletivos, com base em um olhar próprio de determinada cultura. É a memória que se refere à forma como as comunidades lembram do

passado, das tradições e dos eventos que moldaram a sua identidade coletiva. Essa forma de memória é construída e compartilhada mediante narrativas, rituais, monumentos históricos, arte, música e outras manifestações culturais que preservam e transmitem o conhecimento coletivo de uma comunidade ao longo do tempo. A memória social é fundamental para a coesão e a identidade de um grupo, pois permite que os indivíduos se reconheçam como parte de uma história comum e se conectem com as gerações passadas, fortalecendo suas raízes culturais e históricas. Ou seja, é um fenômeno coletivo da memória de um lugar. Em consonância com este conceito, um bairro é entendido como um espaço físico e afetivo, onde as relações dos sujeitos acontecem, numa implementação coletiva de comunidade, sendo um espaço complexo que integra as relações entre tempo, espaço e moradores. A memória de um bairro é resultado da atuação dos indivíduos na sociedade, onde estão contidas as suas lembranças, e o modo como são rememoradas faz parte de uma construção comunitária de identidade (Costa; Maciel, 2009).

O conceito de território, para Milton Santos, parte da perspectiva do território usado, que é experimentado por determinada população, não se restringindo à dualidade entre sistemas naturais e sistemas criados pelo ser humano. Neste contexto, o território é dinâmico. É o firmamento do trabalho, da moradia, do compartilhamento material e espiritual, e das interações. É o solo que abriga um povo e que carrega em si uma identidade, uma percepção de pertencer àquilo que nos pertence. Também se caracteriza como um cenário de solidariedades, de coexistência dos seres que o habitam e dinamizam seu uso, que possibilita a compreensão efetiva da história local em movimento e da identidade que resiste ao esmagamento da globalização (Santos, 1994, 2001). É pela história local que conseguimos preservar as singularidades de um povo, sendo este o espaço primordial da atuação humana, logo, de sua existência ativa (Siqueira, 2019).

Dentro dos relatos da experiência do viver, encontra-se a relação das pessoas com os espaços geográficos, pois estes são os cenários da ocorrência da vida e da ação humana individual e coletiva. Diante disso, o espaço geográfico é sinônimo de território usado, que compreende não apenas a dimensão física e geográfica de um espaço, mas também as relações sociais, políticas, econômicas e culturais, elementos estes que conformam um lugar. Logo, o espaço geográfico não parte apenas do que é concreto, mas também da imaterialidade da cultura e da simbologia. O lugar é o cotidiano de cada sujeito (Queiroz, 2014).

Esta impregnação de memória afetiva em um local constitui, nos habitantes que experimentam esse território, uma forma de afirmação da identidade do lugar, fomentando a

reprodução de sentimentos de pertencimento e de apego a esta localidade, sentida como única (Cordeiro, 2019). Estas identidades locais exprimem os modos de realização da vida cotidiana da população deste lugar e as formas de uso deste território. Assim sendo, o território expressa as diversas facetas da vivência de moradores, da produção comercial, das associações constituídas e das manifestações culturais (Monken; Gondim, 2016).

O cotidiano também pode ser visto como um "território", um espaço e tempo construídos socialmente através de interações entre sujeitos e grupos, onde criamos nossas próprias maneiras de ser e de viver através das nossas ações, individuais ou coletivas. Moldamos nossa existência por meio das relações com os outros, reconhecendo a importância da identidade. Assim, o cotidiano torna-se um espaço territorial ativo que contextualiza nossas experiências. A rua, por exemplo, é criada e habitada por seres humanos que refletem os significados da cidade, do bairro e da própria rua, conferindo características específicas aos seus habitantes. O contexto de vida das pessoas, através das narrativas de seus cotidianos, integra profundas possibilidades de reflexão e participação dos indivíduos sobre a realização da vida (Rocha, 2006; Galheigo, 2020).

Posto isto, o território é um espaço que revela os contextos das relações socioeconômicas e culturais, num processo contínuo de interações, poderes, fazeres e sentidos, envolvendo os diversos atores sociais nas experiências coletivas e singulares. Movimentos sociais organizados em defesa de melhores condições de vida e da garantia do acesso a direitos sociais, iniciados nos anos 1970, deram luz à compreensão do ser humano em seu contexto comunitário de trocas materiais e afetivas, aproximando-se das diversas experiências do vivido pelas pessoas, em interlocução com os que habitam o mesmo espaço e com o dinamismo da história local. Dessa forma, foi estabelecida uma ampliação de olhar sobre a vida diária dos indivíduos, tendo o cotidiano como esfera de existência do fazer e ser humano (Galheigo, 2003; Moreira, 2008). Nas questões urbanas, o território é a paisagem para a participação social, que se configura como uma ocupação que envolve o agir coletivo. Este espaço social oferta possibilidades de compartilhamento, onde os indivíduos são percebidos na realização da vida a partir do significado e do pertencimento à sua comunidade (Correia; Gonçalves, 2021).

Logo, documentar a história local é investigar os processos dinâmicos dos acontecimentos e das relações dos indivíduos, da visão micro à perspectiva macro dos modos de existência, investindo, assim, na manutenção da cultura e da identidade de um povo. Posto isso, este estudo se propõe a compreender a relação dos moradores com o território do bairro da Torre, bairro tradicional e de conhecida efervescência cultural em João Pessoa, capital

paraibana, através dos relatos biográficos individuais, e identificar a ligação destas histórias individuais com a constituição da história local. A partir destes relatos, buscam-se elementos que indiquem pertencimento e identificação territorial com o bairro, ao mesmo tempo em que se pretende observar as formas de viver das pessoas que moram, utilizam, e experimentam a Torre.

2 METODOLOGIA: o trajeto para a imersão territorial

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, com fins descritivos e exploratórios, que foi dedicada à compreensão das relações de pessoas que vivem, experimentam e/ou usam o bairro da Torre com este território vivo e dinâmico, considerando as percepções dessas pessoas acerca da experiência interacional com o bairro.

A pesquisa qualitativa se debruça sobre o nível de realidade que não pode ser quantificado e que se empenha no universo dos significados, das motivações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2014). Sua natureza básica consiste no ganho de conhecimentos sobre determinado assunto sem a preocupação de uma aplicação prática iminente (Tumelero, 2019). Os fins descritivos e exploratórios têm por objetivo apresentar as características de determinadas populações ou fenômenos, buscando o aprofundamento de uma realidade específica, desenvolvendo, elucidando ou modificando conceitos e ideias (Gil, 2008).

A coleta de dados foi realizada através de entrevista aberta, com base no Método Biográfico, a partir de um roteiro (APÊNDICE I) com temáticas sobre a relação do morador com o território da Torre, os significados empregados por ele à vivência e à interação coletiva no bairro, e a identificação de elementos de identidade territorial e pertencimento, em sua vivência passada e atual na Torre.

O Método Biográfico busca a reflexão do narrador sobre sua própria experiência de vida, validando o que é subjetivo na sua forma de pensar e na compreensão de sua existência, que é histórica e socioculturalmente estabelecida, captando, assim, o seu papel de produtor da história individual e coletiva. Esse método auxilia, também, na apreensão do singular e do universal das histórias e das memórias institucionais e contextos, possibilitando que referências do presente se liguem a evocações passadas, entregando ao pesquisador elementos para a compreensão de fenômenos sociais e processos históricos. Essas possibilidades convergem com os objetivos dessa pesquisa, que busca o entendimento das relações das histórias pessoais com a história local e coletiva do bairro da Torre (Macena; Paiva, 2020).

A entrevista aberta é uma ferramenta da abordagem qualitativa para coleta de dados, e

caracteriza-se pela finalidade exploratória, na qual o entrevistado tem a liberdade de discorrer sobre o tema sugerido pelo pesquisador durante a entrevista (Quaresma, 2005).

A seleção dos participantes se deu de forma intencional, a partir de consulta à própria população do bairro da Torre, e buscou atender aos critérios de inclusão que determinavam a participação de moradores da Torre reconhecidos pelas pessoas que no território habitam, por sua notável contribuição para a constituição da história do bairro e de sua cultura.

A partir desses critérios, participaram da pesquisa seis pessoas, três mulheres e três homens, cuja caracterização é apresentada no primeiro tópico dos Resultados. As entrevistas foram gravadas através de aparelho eletrônico, tendo duração entre 40 minutos e 2 horas e 28 minutos, numa média de 65 minutos cada, totalizando 394 minutos de gravação.

As entrevistas foram realizadas presencialmente, entre os dias 04 de dezembro de 2023 e 23 de fevereiro de 2024, sendo 04 ocorridas nas próprias casas dos entrevistados, e 02 no local de trabalho (Mercado Público da Torre e sede da Escola de Samba Malandros do Morro). Todos os locais das entrevistas se situam no bairro da Torre.

A presente pesquisa segue o processo e as diretrizes vigentes na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 2012), e foi submetida à análise e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, através do parecer de nº 6.460.990 e CAAE de nº 74871523.0.0000.5188, em concordância com as normas éticas em pesquisa que legitimam os direitos e deveres de participantes em estudos envolvendo seres humanos.

Os participantes foram previamente apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, documento este que contém informações precisas acerca dos objetivos, benefícios e riscos da pesquisa, e que assegura a privacidade e o sigilo das informações coletadas, assim como garante o direito de retirar-se da pesquisa em qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Dada a importância do registro dos relatos e da notável contribuição da história de vida dos entrevistados para a constituição e legado da história da comunidade e do território da Torre, os participantes assinalaram a autorização para revelação de suas identidades pessoais nesta pesquisa e em seus possíveis desdobramentos. Também foi autorizado o uso da imagem pessoal dos participantes para fins ilustrativos nas páginas deste manuscrito e em futuras publicações.

Após a constituição do corpus textual através da transcrição, na íntegra, das gravações das entrevistas, os relatos foram submetidos à apreciação de acordo com as fases da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016), sendo elas: Organização e Pré-Análise, Codificação, e Categorização e interpretação dos resultados.

Na pré-análise foi efetuada a leitura “flutuante” de todas as transcrições com o objetivo de consolidar o conhecimento do texto e obter as primeiras impressões acerca do conteúdo dos relatos. Partindo dos objetivos da pesquisa e de um procedimento exploratório, que percebe as relações existentes entre as diversas variáveis encontradas nos textos, tomou-se como objeto de referência o território do bairro da Torre, e assim formularam-se dois grupos principais de dados: 1) Relações socioafetivas entre as histórias biográficas dos entrevistados e o território da Torre, e elementos de identidade territorial e pertencimento ao bairro; 2) Modos de experimentação no cotidiano do território e transformações socioespaciais e culturais percebidas no decorrer do tempo (Bardin, 2016).

Na fase de Codificação há o tratamento do conteúdo bruto do texto e seus trechos são agregados em unidades. A partir do processo de recorte, foram escolhidas como unidades de registro as frases dos relatos dos entrevistados, sendo estas agregadas e classificadas em temas, por critério semântico. Essa agregação partiu do procedimento de repartição das frases ou elementos particulares, reagrupando-as nos eixos temáticos progressivamente e assim gerando o sistema de categorias. Consequentemente, na fase de Categorização, os títulos conceituais de cada categoria foram estabelecidos: *Cultura e Identidade Territorial; Espiritualidade e raízes tradicionais; Vínculos afetivos, rede de suporte comunitário e pertencimento; Cotidiano, modos de vida e mudanças na experiência do bairro; A violência e as repercussões na juventude da Torre nos anos 2000* (Bardin, 2016)..

O conteúdo das entrevistas também foi submetido ao programa IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), software gratuito de análise textual com ferramentas estatísticas para interpretar e visualizar conteúdos de textos, desenvolvido pelo francês Pierre Ratinaud, e que teve o início de sua utilização para língua portuguesa e no Brasil em 2013. Este programa informático permite diversas formas de análise de dados textuais, desde as mais simples como a lexicografia básica para cálculo de ocorrência de palavras, às mais complexas como a Classificação Hierárquica Descendente para classificação de segmentos de texto. A forma de análise do IRAMUTEQ utilizada para esta pesquisa foi a Análise de Similitude, que possibilita a identificação de conexidade entre as palavras de forma ilustrativa, destacando ligações entre elas, e gerando gráficos (Camargo; Justo, 2013).

Para a análise dos relatos no IRAMUTEQ, as transcrições foram todas agrupadas para criação de um único corpus textual, e este foi tratado para excluir palavras que caracterizavam vícios de linguagem. Com o corpus textual devidamente organizado, a análise do conteúdo do texto foi submetida ao programa pela Análise de Similitude, sendo criados três gráficos (Gráfico

da Árvore, Gráfico da Raiz e Nuvem de Palavras) que demonstraram as conexões entre os vocábulos e ilustraram visualmente as relações muito próximas entre as categorias já encontradas na análise primordial desta pesquisa. Os gráficos e a verificação realizada pelo IRAMUTEQ estão detalhados na última sessão dos Resultados.

3 NARRATIVAS: os cenários da palavra contada

04 de dezembro de 2023, 16h. Em João Pessoa, 32°C, velocidade do vento a 22 km/h, céu aberto, e uma sensação térmica onde o corpo, em busca de equilíbrio de temperatura, expunha o suor de maneira exacerbada, característica dessa época do ano na capital paraibana. Na tarde deste dia, saí ao encontro do Sr. Carlos, mais conhecido como Pai Neno, Babalorixá, umbandista e filho biológico de uma das mais festejadas Ialorixás da cidade, Mãe Maria do Peixe, falecida em 2010.

Ao caminhar sob influência de forte sol pela Avenida Beira Rio até a Avenida Dom Santino Coutinho, cheguei à casa de Pai Neno. Fui recebido por um de seus filhos biológicos, uma criança acolhedora, de simpatia estampada em seu sorriso e previamente preparado para a minha chegada, quando me anunciou como “o rapaz da universidade”. Havia um grande movimento de pessoas na residência, logo porque, lá se localizava não só a moradia de Pai Neno, mas também o Templo de Umbanda no qual ele é o líder e leva a frente o legado inaugurado pela sua mãe. A alta agitação dentro das dependências do local tinha como motivação a comemoração do dia de Iansã, divindade da mitologia Iorubá, e orixá de Pai Neno. Eram preparativos para os festejos que iniciaram-se logo mais, à noite. Foram cozinhadas as comidas típicas para a comemoração, com milho, óleo de dendê, e outros ingredientes que compunham o cardápio para a festa, além da preparação das roupas usadas pelos integrantes do templo, que também realizavam a limpeza do espaço.

Fui encaminhado ao terraço da casa que dava acesso a um extenso corredor que se conectava ao Templo, localizado nos fundos da residência. Um imenso galpão que abriga o terreiro de 50 anos completados em 2023. Estava eu, ali sentado em uma cadeira no terraço, observando desde já atento, ao intenso movimento e, me veio naquele momento, a reflexão acerca da enorme coincidência de realizar a primeira entrevista para esta pesquisa, no dia 04 de dezembro: dia de Santa Bárbara e de Iansã, de acordo com o sincretismo religioso no Brasil. Me sentira com sorte, mas ao mesmo tempo ansioso em conhecer finalmente, Pai Neno.

Aguardei como um expectador por trinta minutos, até a chegada de Pai Neno, um homem idoso, sério, que, por sequelas de uma forte artrose, comprometeu sua mobilidade e

funcionalidade manual, estando dependente e usuário de uma cadeira de rodas. Guiado por um de seus filhos de santo, carregava sobre seu colo um maço de cigarros e um isqueiro. Logo de início, Pai Neno me fez sentir como alguém íntimo de seu círculo social, mesmo sem me dar um sorriso. Era apenas um humano perante outro humano. Preparei os equipamentos para a gravação da entrevista, enquanto Pai Neno acendia o primeiro cigarro (foram muitos até o final da entrevista). A cada trago, soltava parte do relato acerca de sua vida. Mesmo que me preocupasse com a possível perda de material para a pesquisa, deixei que Pai Neno se expressasse fluidamente sobre suas narrativas. Ele, já acostumado com diversas pesquisas realizadas por estudantes e pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba, tinha manejo para contar a sua própria história de vida, mas acima de tudo, deixou clara a intenção de homenagear a memória de sua mãe, Maria do Peixe.

Dado o início oficial da entrevista, pairou-se um silêncio no local em respeito à nossa conversa, e embora os preparativos continuassem a ser realizados pelos integrantes umbandistas, tudo era feito em total quietude. Os sentimentos aflorados, emocionados por meio das lágrimas, sorrisos, gargalhadas que emergiram das lembranças rememoradas, uniam-se à sensação de que ali estavam velhos amigos, o que me traz a reflexão de que o compartilhamento de tal intimidade pelos relatos só foi possível pelo reconhecimento mútuo de duas pessoas que cresceram do mesmo território objeto deste estudo.

Cada vez que alguém entoava a voz em um volume alto, Pai Neno solicitava o tão respeitoso silêncio. Senti que esse respeito também se expressava à memória de Mãe Maria do Peixe, salve!

Durante a entrevista, que durou um pouco mais que duas horas, houve algumas interrupções, seja por conta da passagem de um integrante levando o ebó (oferenda realizada em rituais de religião de matriz africana) que exalava o odor de carne animal em decomposição, ou pelo choro sentido, ao lembrar dos feitos de sua mãe e da sua relação com ela. A cada lágrima, estava eu, sentado ao lado esquerdo de Pai Neno e mais próximo de seu coração, com a mão em seu ombro, acolhendo e validando aquele sentimento tão sincero e cheio de saudades.

As horas se passaram, e o movimento no templo se intensificou com a proximidade do início dos festejos para Iansã. Eram Pais e Mães de Santo que vinham de outros terreiros e que não perderam o toque dos tambores daquela noite no templo localizado no que antes era conhecido como o morro da Torre, assim denominado por uma divisão socio-histórica, onde habitavam pessoas de baixo poder econômico (hoje, esta divisão caiu em desuso pelos moradores do bairro). Suas vestimentas eram longos vestidos brancos, com turbantes na cabeça muito bem elaborados e guias coloridas de acordo com seus Orixás. Um dos filhos de santo

alertou ao Pai Neno sobre o avançar da hora para o início do ritual. Às 19h, finalizamos uma conversa que poderiam ter mais três horas de narração biográfica, até porque, aquela história não era só do Pai Neno, mas também de Carlos, de seus ancestrais, dos seus filhos de santo, e principalmente de sua mãe, Maria do Peixe, que fora internada nos anos 1970 no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, por conta da não compreensão acerca de sua forte mediunidade. Tudo destinava seus caminhos para ela. Ao final, participei como expectador da festa para Iansã, que continha dança, cânticos, ritmos, tambores e fé.

Naquela mesma semana, e em igual temperatura, tomei rumo ao Mercado Público da Torre para entrevistar Dona Penha do Tempero, como ela mesma gosta ser chamada. Ao contrário de Pai Neno, seu amigo de longa data, a conheço desde que me tornei cliente da sua banca de temperos. Mas afinal, quem não conhece a Penha do Tempero não sabe o que é o Mercado da Torre. Uma mulher, comerciante, que recebe todo mundo com um sorriso no rosto e nos nomeando de “amor”.

A entrevista foi ali mesmo, no corredor onde se localiza sua banca de temperos, com o gravador captando não só o relato biográfico de Penha, mas também os sons do mercado, a canção do barzinho que fica quase em frente, os sorrisos e cantorias das pessoas que tomavam cerveja, os bêbados que saudavam Penha, os comerciantes desejando dinheiro trocado, as clientes que chegavam para adquirir algum produto da banca. A atividade comercial não parou por conta da entrevista, pois foi um pedido de Penha, o que trouxe um curioso momento e consequente tema para a narração, pois uma cliente perguntou sobre o tempero lemon pepper, um produto que já é previamente processado, não presente na banca de Penha, pois lá, todos os produtos para tempero são moídos na hora da compra. Isso levou ao relato sobre a queda nas vendas de sua banca, e o quanto é difícil competir com os grandes supermercados e avanço dos produtos ultraprocessados.

Aquela atividade, nem tão incomum em um local já muito pesquisado, televisionado, e seus comerciantes entrevistados, ainda chamava a atenção de quem passava caminhando por aquele corredor. Mas o respeito era tão grande quanto o silêncio na casa de Pai Neno. Noto um rapaz que para em frente à banca de Penha, e se escora na parede, nos olhando e escutando nosso diálogo, como se estivesse a esperar por algo. Ao final da entrevista, ele se aproxima para assuntos de trabalho com Penha, e fala sobre a importância, para ele, daquela atividade que detinha o objetivo de registrar as experiências de uma mulher, comerciante, entusiasta do bairro, e fomentadora de tamanha felicidade nos outros. Concordei com os olhos marejados, e agradei a reflexão tão cheia de homenagens à uma figura tão emblemática quanto o próprio local onde ela trabalha: o Mercado da Torre, ícone de um lugar, não assim o seria se não existissem em

suas dependências, a ação coletiva de tantas Penhas, e de tantos abraços por elas doados.

Em 14 de dezembro, às 19h, João Pessoa insistia no calor habitual de 31°C, mas uma brisa aliviava o calor quando passava. Caminhei até a sede da Escola de Samba Malandros do Morro para a terceira entrevista da pesquisa, que foi realizada com o presidente da escola e diretor de bateria, Romero Nery. O maestro havia chegado dois dias antes do Rio de Janeiro, onde foi garimpar materiais e fantasias que poderiam compor o desfile da Malandros no carnaval tradição da cidade de João Pessoa, em 2024.

O barracão estava com um grande tecido que cobria a entrada principal e evitava a observação do que estava sendo preparado para o próximo desfile que teve como enredo “Paraíba feminina, mulher de luta sim senhor”, uma homenagem às mulheres paraibanas, ressignificando a canção de Luiz Gonzaga. Ao entrar na sede, encontro o maestro Romero sozinho, à espera dos integrantes da escola, em produção das fantasias do desfile, pois dezembro já é um mês de muito trabalho para uma escola de samba. Eram dois meses com ferramentas (pistolas de cola quente, tesouras, alicates de corte) e materiais, como isopor, tecidos, TNT, bordados e lantejoulas. Estávamos imersos no processo de construção material de como o enredo iria ser mostrado na avenida, e que, até fevereiro de 2024, mantive em segredo para não divulgar nenhuma informação antes do desfile oficial.

Sentado à frente do maestro, no meio do barracão, pudemos dialogar sobre como a história da Malandros do Morro se confundia com a história de vida individual das pessoas que cresceram nela, a exemplo do maestro Romero. A entrevista tornou-se uma homenagem aos artistas que passaram pela escola, dentre eles, Mestre Balula, salve! Falecido em 2008, proveniente de complicações da AIDS, Balula foi da diretoria da Malandros do Morro, e como disse Romero, “um pai” para todos os integrantes da escola, com seus ensinamentos sobre arte (era graduado em Educação Artística), e sobre a dignidade humana. Balula foi um dos mais fortes ativistas culturais já existentes na Paraíba. E quando o Maestro Romero iniciou sua fala sobre Balula e seus ensinamentos, senti uma forte presença evocada pela memória do entrevistado, pela representação sociocultural dele, e pela memória do barracão. Ao final da fala de Romero sobre o eterno integrante da Malandros, o gravador que segurava com a mão direita parecia pesar mais de vinte quilos. Meu braço tremia, e ficou difícil continuar segurando o equipamento levíssimo. Respirei fundo e apoiei a tremida mão na minha outra esquerda. Continuamos até a chegada dos integrantes da escola que iriam auxiliar na confecção das fantasias e adereços do desfile. Sim, meus caros, além de realizar o espetáculo, estas pessoas revolucionam o cotidiano delas sendo e fazendo resistência à extinção do maior ícone cultural do bairro da Torre. Viva à Malandros do Morro!

Dois dias depois, em uma tarde de sábado, fui ao encontro de Anizeuda, moradora do bairro e que faz parte da diretoria do Grupo de Frevo Os Bandeirantes da Torre. Anizeuda me recebe em sua casa, no fim da Avenida Manoel Deodato, que configura parte do bairro com forte senso de apoio comunitário, onde a vizinhança ainda se comporta como uma rede de solidariedade e suporte de diversas naturezas. Mesmo com o escaldante sol, o vento se fazia presente, impedindo a captação audível da voz da entrevistada. Então, Anizeuda me convidou para a sala de sua casa, onde não havia tanta incidência do vento.

Anizeuda, uma mulher negra que sofreu com as adversidades provenientes da pobreza e da falta de acesso a políticas públicas, também se mostrava uma mulher de força, assim como o enredo da Malandros do Morro, e que após tantas batalhas, trazia consigo a ancestralidade de uma guerreira. Sua presença era de encher os olhos e o coração de esperança. Sua voz em volume baixo e de fala ralentada, contrastava com o volume de lutas relatadas por ela em seu cotidiano. A sala não continha muitos móveis, a não ser pelo pequeno sofá, e um rack que apoiava o televisor. Com o desenrolar da entrevista, noto que logo atrás de Anizeuda, havia pendurado na parede, um único quadro. Na verdade era um porta-retrato, com uma foto de sua família, contendo seus três filhos, sendo dois gêmeos, e sua falecida mãe, a quem ela atribui os ensinamentos sobre solidariedade e dignidade.

A vida nos proporciona encontros que são surpreendentes, e destes, as histórias de vida dos sujeitos do encontro se entrelaçam, em nó que não se rompe e abre bifurcações no caminho da experiência do viver, pois ampliam o olhar sobre nossa própria existência. Acontece que naquela foto não havia apenas um parente falecido da nossa heroína, e sim dois. Além de sua mãe, um dos gêmeos, filho de Anizeuda, também havia sido acometido do único mal irremediável, a morte. Mas da forma mais dolorosa possível para uma mãe, ele havia sido assassinado na década de 2000, mesma época em que meu irmão, Daniel fora morto sob mesmas circunstâncias.

Ao revelar a minha história, Anizeuda comentou lembrar da morte do meu irmão. Naquele momento, já não era mais o pesquisador, e Anaizeuda já não mais uma pessoa entrevistada. Éramos, sim, duas pessoas sentadas à frente uma da outra, acolhendo as feridas de uma cicatriz imersa na dor mais profunda, aquela fadada aos gritos silenciosos da injustiça de um mundo que não entende dores daquela natureza. Mais do que nunca, reafirmo que, no encontro, ninguém sai ileso de ninguém.

Saio da casa de Anizeuda, com um abraço forte, subindo em silêncio, pensando nela, no seu filho, no meu irmão, em mim e na juventude daquela geração. Foi a solidão mais brutal que este narrador pôde experimentar.

E Anizeuda? A encontrei nas prévias e no carnaval, com fantasias, me enviando seu sorriso mais terno, seus beijos no ar, e me presenteando com seus abraços.

Precisei do silêncio para internalizar a última entrevista e as reflexões que ela suscitou. Foram longas três semanas até o encontro com Dona Marly, articulado pelo filho dela, Mazinho. No dia 09 de janeiro, já em um novo ano, destinei-me até a Rua Professor Cardoso, que deriva da Avenida Beira Rio, para realizar a entrevista com D. Marly, que estava sentada à frente de sua casa, junto a dois vizinhos, sentados em cadeiras de balanço, papeando e aproveitando a sombra na calçada e brisa da rua.

Ao chegar, não poderia saber quem era D. Marly, pois nunca a havia conhecido pessoalmente, ou visto sua fisionomia, mesmo o bairro da Torre sendo um território relativamente pequeno e de fácil sociabilidade. Perguntei se eles sabiam quem era a minha entrevistada e uma vizinha apontou pra ela, que estava ao seu lado. D. Marly me fita o olhar e fala não entender o motivo para, segundo ela, “desenterrar gente e coisa morta”. Sorri e perguntei se a entrevista poderia ser possível, obtendo uma resposta positiva daquela senhora negra, de 80 anos, que me convidou a entrar em sua casa.

No terraço, um vão com uma mesa usada para trabalhos manuais de artesanato, realizados por D. Marly, e uma estante com o acervo de sua atividade, contendo bonecos de biscuit com temas natalinos, castiçais personalizados, pesos de porta, garrafas e jarros decorados. Acima de nós, a casa anexa do filho, Mazinho, e no pavimento térreo sua residência, coabitada com seu neto de 22 anos e sua irmã mais velha, de 87 anos.

D. Marly foi uma das fundadoras, junto ao seu esposo, Sr. Gilberto de Sousa, falecido em 2002 aos 71 anos, da mais antiga escola de samba da Paraíba, a Malandros do Morro. Esse diálogo também foi um resgate do nome de Sr. Gilberto para a história da escola, e com o passar das palavras oralizadas, o incômodo inicial foi se dissipando, dando lugar à uma satisfação pela ação de rememoração das vivências de sua história biográfica.

Dividindo o som do ambiente com os pássaros na gaiola, D. Marly relatou sua juventude com saudade, suas memórias de brincante e participação ativa nas atividades relacionadas ao carnaval. A voz, vez por outra, embargava em meio às lembranças. O olhar, ocasionalmente, buscava sensações de outrora, para comentar em maior compromisso possível com o real da época, suas experiências, aventuras e relações sociais.

Quase todo relato culminava em uma bela gargalhada. D. Marly não participa mais ativamente das atividades carnavalescas, apenas como espectadora do espetáculo que um dia ajudou a crescer. Parou de desfilar pela Malandros do Morro quando não aguentou mais dançar, e um dos breves momentos em que a lágrima insistiu em rolar pelo rosto dela e calou aqueles

sorrisos cativantes, foi quando relatou a morte de sua filha, em 2023 aos 56 anos, proveniente de complicações de um câncer. Novamente, a dor de uma mãe, que jamais deveria acometer a maternidade, reapareceu. Uma dor tão profunda que secara a vontade de comemorar e de compartilhar a maior festa popular do Brasil: o carnaval. Sua filha era sua companheira foliã, e após a sua morte, D. Marly buscou significado perante a sua perda, na fé. Hoje ela exerce a fé cristã protestante, frequentando a Igreja Universal do Reino de Deus.

Ao final, notei um caderno que ela postou à mesa. Ele servia como um acervo biográfico, com documentos pessoais e registros de sua vida. Esse caderno a auxiliava quando a memória lhe falhava, na busca por si mesma. Foi quando ela abriu suas folhas e retirou um documento com a data da fundação da Malandros do Morro (1956), e o endereço de sua sede própria. Rapidamente, retiro a câmera fotográfica da bolsa e faço o registro da imagem, com uma das fundadoras da Malandros segurando aquele documento tão importante para a vida do povo torrelandense.

Semanas depois, em 04 de fevereiro, na prévia carnavalesca do bairro, no Bloco Multicultural Viúvas da Torre, sou chamado ao palco sem saber o motivo para tal chamamento. Então, sou surpreendido pela presença naquele palco, de D. Marly, e pelas mãos dela, recebi a homenagem “*Doutor Honoris Carnavalis*”, outorgada pela primeira vez desde sua inauguração, há 30 anos, pela contribuição como músico e compositor, ao carnaval do bairro e da cidade de João Pessoa. Ao ver D. Marly, que não mais frequenta ativamente as agremiações carnavalescas, desabei aos seus pés, beijei suas mãos solicitando sua benção, e maravilhado pela surpresa, comemorei o nosso reencontro no palco mais significativo da minha carreira como artista. Nossas vidas estarão para sempre ligadas pela construção dessa memória tão significativa para mim, e para D. Marly.

Jairo Pessoa, presidente do Bloco Viúvas da Torre, por mais uma dessas coincidências, foi o próximo e último entrevistado para a pesquisa. Em 23 de fevereiro, fui recebido pela sua esposa e pelo seu filho de três anos, no apartamento do prédio Hugo Cambim, na Avenida Manoel Deodato, a mesma que abriga o Bloco Viúvas da Torre todos os anos. Ao me oferecerem um saboroso almoço, percebi uma forma muito peculiar das pessoas torrelandenses: por a mesa farta para um visitante é hábito de praticamente todas as casas do bairro, pois sentar-se e compartilhar o alimento é um ato de acolhimento e fundamentado pelas origens das relações de proximidade entre vizinhos do bairro. São relações fraternas e solidárias.

O dia tinha um vento convidativo a estar na rua, então fomos à praça Tiradentes, bem próxima à residência de Jairo, para iniciar nosso diálogo. O que não se fez possível, pois o vento matreiro iria intervir na captação do som pelo gravador, deixando a conversa inaudível. Porém,

aquele deslocamento para a praça Tiradentes nos preencheu de significativos. Muito porque ambos vivemos nossas infâncias naquele espaço, jogando bola, nos projetando ao ar nos balanços, subindo pelos galhos do Pau-Brasil, ou catando as frutas da castanhola para atirar nas goiabeiras ou jambeiros e buscar novos frutos para comer. As ruas da Torre, para nós, foram a extensão dos nossos quintais e jardins.

Retornando ao prédio onde Jairo reside hoje em dia, já estávamos imersos nos sentimentos que nos envolviam. O trajeto feito entre praça, rua e habitação serviu como ferramenta para rememorar experiências há tempos vivenciadas. Nos instalamos na área social do condomínio. Lá vivemos diversas rodas de violão, cantorias, brindes e amigos que hoje já não residem no bairro. Mas, de certa forma, naquele exato momento, nos parecia que todos estavam lá conosco. Jairo lembrou de sua infância, das formas solidárias de se relacionar com o Outro e que foram apreendidas desde que era menino, das aventuras nos telhados das casas e das árvores frutíferas que ofereciam sombra e alimento a quem quisesse se servir da natureza. Não havia um sentido de propriedade, e sim de compartilhamento.

A paisagem à nossa frente era a avenida, e nesse mirante, Jairo interrompe a conversa e diz estar vendo uma goiabeira, com goiabas “bem amarelinhas”. Ao voltar meu olhar para Jairo, eu não via mais o homem adulto que conhecera há muitos anos. Jairo voltou a ser menino. Aquele que caminhava pelos telhados, que subia os pés de fruta para se alimentar nos quintais, jardins e calçadas da vizinhança. Ali, naquele momento, não havia tempo ou espaço para lamento, mas sim para gargalhadas, pois o tempo, aquele que é implacável e irreduzível, não mais existia, brevemente.

Assim que nossa conversa termina, chega ao recinto o filho de Jairo, radiante e cheio da energia que anseia a vida. O pai leva o filho aos braços e aponta para a goiabeira. Naquele momento eu entendi sobre o que se tratava o nosso encontro: era sobre legado, sobre continuidade. Olhando para o passado pudemos nos lançar para o futuro aos olhos daquela pequena criança que carregará a nossa existência, assim como nós carregamos as existências dos nossos ancestrais torrelenses.

Todas as vezes, na despedida, ficava em mim uma sensação de inauguração, pois a cada encontro, com relatos tão íntimos, eu inaugurava aquelas pessoas tão fraternas, ao tempo em que eu inaugurava uma nova Torre em mim. Meus olhos, então, baixaram sua vista aos meus pés enquanto eu caminhava sobre aqueles paralelepípedos. Outra sensação me assaltou, uma que parecia aterrar a planta dos meus pés ao chão, me enraizando, rasgando o asfalto. E ali, naquele solo, foi como encontrar as raízes de Pai Neno, Maestro Romero, D. Marly, Penha, Anizeuda e Jairo. Nossas histórias se enlaçaram, e esses nós de nós tecem o tecido do

pertencimento coletivo, abraçando a nossa comunidade, os nossos antepassados e o nosso povo. Não poderia ter cenário mais bonito e singelo para esses encontros do que a tão querida Torre.

4 RESULTADOS: relatos íntimos

*Vida é memória.
Dei pra pensar
que tudo que há de mais vivo em mim
foi aquilo que já se foi.
As pessoas mais importantes
foram as que ficaram.
(Martha Medeiros, 2018)*

Participaram da pesquisa seis moradores do bairro da Torre, selecionados por sua notória contribuição aos elementos de identidade cultural do território, e que concordaram em revelar suas identidades ao levarem em conta a importância de suas histórias perante a constituição da história local. Foram três homens e três mulheres: Maestro Romero Nery, 44 anos, atual diretor da Escola de Samba Malandros do Morro e diretor de bateria da Escola; Jairo Pessoa, 48 anos, fomentador cultural do bairro, diretor do Bloco Carnavalesco Multicultural Viúvas da Torre, e Conselheiro Tutelar da Zona Norte da cidade de João Pessoa; Pai Neno, 58 anos, Babalorixá, sacerdote religioso de matriz africana do Terreiro Templo Religioso de Umbanda Nossa Senhora do Carmo; Penha do Tempero, 59 anos, comerciante do Mercado Público da Torre; Anizeuda Alves, 63 anos, participante da diretoria do Bloco de Frevo Os Bandeirantes da Torre; Marly de Souza, 81 anos, uma das duas pessoas vivas que fundaram a Escola de Samba Malandros do Morro em 30 de agosto de 1956.

Destes e destas, cinco residem em casa própria no bairro da Torre, enquanto um participante mora em imóvel alugado; quatro atuam profissionalmente ou culturalmente de forma direta no bairro; quatro autodeclararam-se negros, enquanto dois referenciaram-se pardos; um é umbandista, uma é evangélica e os outros quatro são católicos, embora um participante, apesar de ter formação católica, tenha afirmado ser transitório em relação à sua religiosidade.

De acordo com a leitura e organização dos relatos obtidos nas entrevistas com os participantes, foram identificadas as principais temáticas que conceberam as seguintes categorias, correspondentes aos objetivos deste estudo. Vale salientar que as narrativas autobiográficas dos entrevistados desta pesquisa foram atravessadas pela variante tempo-espaço, em que o passado e o presente estiveram em movimento contínuo e comparativo entre as experiências pessoais no bairro e as transformações socioespaciais que o território vem sofrendo. Já o futuro é apresentado através das relações intergeracionais e familiares, e pela

transmissão de saberes e da história local para os filhos e netos, representantes das próximas gerações da Torre.

1. Cultura e Identidade Territorial

Esta categoria evidencia os elementos centrais da identificação cultural do bairro da Torre, compreendendo o seu histórico de eventos culturais importantes dentro do calendário da cidade, como o carnaval tradição, fundado no bairro, sua relação com a resistência do samba em João Pessoa, e os blocos de frevo.

Aponta a presença e o fim das quadrilhas juninas do bairro e manifestações populares do Coco de Roda, Ciranda e Capoeira. Evidencia a característica boêmia do território, a presença de Balula, ex- diretor da Escola de Samba Malandros do Morro, no enaltecimento do carnaval e no legado artístico, a influência da cultura e do esporte na constituição da identidade de seus moradores desde a infância, assim como a luta pela valorização das instituições culturais como forma de preservação da identidade local.

Apresenta, também, perspectivas das causas do desaparecimento de diversas manifestações populares de cultura, como a insuficiência de investimento financeiro do poder público para formação e atuação de gestores culturais, o que acaba por deixá-los mais vulneráveis aos assédios da especulação imobiliária e ao avanço do comércio, contribuindo para a perda das sedes próprias das instituições culturais e o enfraquecimento dos vínculos entre estas e a comunidade, por não terem uma base fixa no território. Os relatos abaixo ilustram a força de vontade de um povo em resistência à falência destas instituições e lamentam o eclipse dos movimentos de outrora.

O carnaval já nasceu em mim, principalmente a cultura das escolas de samba. Então, acho que já aos seis, sete anos brincava de fazer caixa de instrumento, um pedaço de cabo de vassoura de baqueta, um cipó de goiaba com uma lata de goiabada para fazer um tamborim, e tudo isso de forma artesanal e bem tradicional foi me dando forças para um dia me transformar em um ritmista da Malandros do Morro. A gente só não tem o investimento. Mas a nossa criatividade tá aí, né? [...]A nossa luta para continuar com a Malandros do Morro, é muito grande. É uma luta grande e uma luta árdua porque assim, o investimento a cada ano vai ficando difícil, os poderes públicos não pensam na manutenção da cultura. (Maestro Romero)

O carnaval tradição começou em frente ao mercado público do bairro da Torre, em frente à praça de alimentação, no prédio onde era o antigo Queiroz. Os Africanos começaram ali, em 1918. (Maestro Romero)

Meu pai foi fundador desse Coco de Roda. Ele gostava. Ele tinha um bumbo grande. Ele tinha um caracaxá [...]. Vinha muita gente. Enchia a casa dos meus pais. Antes arrumava tudinho, tirava os troços da sala para todo mundo brincar. Hoje a gente não tem mais. (Marly de Souza)

A gente tem algumas instituições que eu alcancei, e a especulação imobiliária, a

vulnerabilidade dos gestores, fizeram com que a gente perdesse. Aqui a gente tem algumas figuras, que a gente denomina como grileiros urbanos, que se apossam, já que esse território aqui, ele foi de muita posse, de imóveis sem escritura. Para mim, o mais emblemático foi o Bandeirantes da Torre [...] em que funciona em uma garagem pequeníssima. Hoje existe uma lei que não pode ter mais pavilhões de quadrilhas juninas nas ruas, e acabou aqui. Fora a especulação imobiliária, ainda teve essa lei que acabou com o entretenimento que a gente tinha, essa marca cultural das quadrilhas. Mas, a Torre ainda pulsa essa cultura do samba e do futebol. Cada casa tinha um atleta de futebol, de futsal, ou um batuqueiro, ou tudo junto numa casa só. (Jairo Pessoa)

Balula nos ensinou muita coisa aqui dentro. Ele implantou essa política antirracista, aqui dentro da Escola (Malandros do Morro). Ele defendeu muito. Ele foi criador do movimento negro no Estado da Paraíba, e também foi criador da Federação Amadora de Teatro. Ele dizia que ser da Torre era ser boêmio, ser da Torre era ser cultura, ser da Torre era ser artista. A gente sempre tava em grupos da Malandros do Morro, principalmente quando Balula era vivo. Tudo o que a gente fazia, ele achava bonito, maravilhoso, porque ele falava que tudo o que saía da nossa cabeça para confecção das fantasias e alegorias deveria ser valorizado, pois nós forçamos nossa criatividade e aprendemos aqui na Torre. Ele nos ensinou a ter dignidade, e disse: “Tudo o que eu deixar é para vocês, pois vão continuar a jogar essa bola para frente com os meus ensinamentos, e quero muito estar do outro lado da vida vendo vocês da melhor forma possível”. (Maestro Romero)

2. Espiritualidade e raízes tradicionais

Esta categoria aborda as manifestações de crenças religiosas que enraízam tradições na comunidade, conferindo à Torre a característica de um território diverso e construído a partir de uma forte influência ancestral, com base nas religiões de matriz africana como o Candomblé e a Umbanda. Evidencia a importante contribuição de Mãe Maria do Peixe para o estabelecimento dos cultos afrobrasileiros no bairro e a resistência para a continuidade do Templo Religioso de Umbanda Nossa Senhora do Carmo, por ela fundado e que é um dos dois terreiros remanescentes do território.

Aborda a existência e o desaparecimento das benzedadeiras e rezadeiras na Torre, com forte presença no cuidado em saúde a partir dos conhecimentos populares e plantas medicinais, e a atual diminuição no uso de ervas, raízes e temperos naturais, com consequente enfraquecimento desse comércio no mercado da Torre.

Na Torre tinha muitos terreiros, que inclusive pela história, a ligação do nome Africanos da Torre foi por conta, em alusão, à quantidade de terreiros. Porque a Torre foi o bairro em que mais viveram africanos, e que fundaram muitos terreiros aqui. (Maestro Romero)

O Templo Religioso de Umbanda Nossa Senhora do Carmo, foi fundado no dia 27 de julho de 1973, aqui mesmo no bairro da Torre, na Rua Santo Antônio, por minha mãe, a Ialorixá, Mãe Maria do Peixe. Então dessa família, também sai a família da Umbanda. Na Torre tinha na base uns dez terreiros. Hoje, de sobrevivente, apenas dois, e um deles é o daqui, que eu sou herdeiro escolhido pelos Orixás. Mãe Maria do Peixe sempre foi uma mulher de resistência, uma mulher descendente de índio com preto, que gostava de sua espiritualidade, e era respeitada. Ela teve muita batalha a enfrentar contra o preconceito das pessoas e o medo delas quando teve o primeiro

batuque. Alguns vizinhos reclamaram e compararam os rituais a Satanás. Hoje, somos a prova da resistência, aos 50 anos de existência do Templo. Graças ao encargo de responsabilidade que eu fiquei, e ao respeito à minha parte ancestral. A Torre ainda tá na resistência. Hoje tenho meus Filhos de Santo, e minha mãe deixou esse legado. (Pai Neno)

Hoje em dia não tem no mercado, mas tinham cerca de quatro lojas de artigos para o Candomblé, para Umbanda. Porque era muito forte aqui, muito forte mesmo. Tinha vários terreiros e a gente crescia escutando (os batuques). Então, existia todo um comércio que movimentava essa religiosidade. Não tinha para a religião católica, mas tinha do Candomblé e da Umbanda. (Jairo Pessoa)

De benzedeira tinha Dona Alzira. Tinha outra que também morava aqui, que morreu, mas a mais conhecida era Dona Alzira. Ela rezava todo tipo de doença. A gente ia lá e mandava ela rezar. Era vermelhão, era febre, era mau olhado, tudo isso. Hoje não tem mais. (Penha do Tempero)

Foram nossos originários, como nossos pretos, como nossas pretas, que moravam em cabanas de palha que nos deram base para resistir. Eu ainda fui rezado quando era criança. Teve uma benzedeira que morava aqui. Hoje tá raro encontrar uma rezadeira. A rezadeira vinha, e muitas vezes eu ia lá, pois eu tava com “mau olhado”. Eu sou do tempo que ainda se encontrava a rezadeira dentro da barriga. (Pai Neno)

O ser humano gosta de coisa fácil! Hoje, se eu disser aqui agora “Compre isso aqui e faça um chazinho”, ninguém quer não, meu amor. O povo quer farmácia, quer comprimido e bota dentro da boca. Agora, não sabem o quanto faz mal, né? Isso aqui, pelo menos, faz mal a nada. O que você tomar, quantidade que você tomar, só vai lhe prejudicar alguma coisa se você exagerar. A coisa artificial como lemon pepper, chimichurri, Edu Guedes... O povo tá gostando disso, coisa artificial. Acha mais prático e mais fácil. Acha que isso aqui não tem valor. (Penha do Tempero)

Os remédios, os chás, estavam nos jardins das casas. (Jairo Pessoa)

3. Vínculos afetivos, rede de suporte comunitário e pertencimento

As relações interpessoais, de características fraternas, revelam uma proximidade familiar entre a vizinhança, emergindo uma rede de conexão entre as pessoas que residem nos diversos pontos do bairro e que se encontram nos lugares de convivência, como ruas, praças, igrejas, bares e mercado público. Esses aspectos relacionais fundamentam ações coletivas, como a organização de grupos de promoção à saúde, e condutas de cooperação entre os moradores. Esses traços confirmam fortes laços comunitários no bairro da Torre e baseiam as relações de respeito e convivência intergeracional. A transmissão dos saberes é disseminada de geração em geração, apresentada aos mais jovens pela história biográfica de seus parentes, que comentam seus hábitos em ciclos de vida passados.

As experiências nos espaços geográficos e sociais da Torre, a criatividade na construção de brincadeiras e brinquedos artesanais que estimulavam a coletividade e autonomia na infância, a colaboração entre os indivíduos de diferentes ruas na obtenção de materiais para decoração das vias públicas nas datas comemorativas, o planejamento comunitário de festas e eventos esportivos, entre tantas outras particularidades, despertam e impulsionam a manutenção

da história, da memória e da identidade do bairro.

Os relatos íntimos, obtidos nesta pesquisa, celebram o encontro de quem vivencia o território, de pessoas em diferentes ciclos de vida, e entre diversas formações grupais. Até a década de 1990, era comum a presença de bodegas e vendas, locais mercantis que comercializavam diferentes produtos, como alimentos, bebidas alcoólicas, xaropes, remédios, fumo de rolo, entre outras mercadorias que a população poderia ter acesso através destes lugares. Eram relações comerciais baseadas na confiança, e que tinham nas cadernetas, as contas mensais dos clientes, que eram pagas ao final de cada mês, com a “palavra” como única garantia de que a dívida seria quitada. As pessoas entravam nas casas da vizinhança como se fossem suas, para uma conversa, tomar um café, explicar suas intimidades, ou buscar algum produto que estivesse com necessidade naquele momento. Os filhos que cresceram no bairro, alimentaram relações com sua geração, resultando em casamentos, padrinhos de batismo dos filhos dos amigos, e parentesco baseado na convivência comunitária, e não só nas formações biológicas de parentes. Logo, esta categoria contempla as relações familiares que fincam raízes e desejos de perpetuação da afetividade entre os moradores das próximas gerações, sem cessar a celebração dos antepassados. Ao mesmo tempo, pode-se observar que a perda de familiares pode ser um fator para a redução de identificação com os elementos culturais do bairro.

No entanto, a singularidade da população da Torre resultou da construção e do fortalecimento dos vínculos de solidariedade entre os moradores, da empatia e do apoio mútuo diante de adversidades como o desabrigoamento ou a fome, corroborando com modos de vida de essência coletiva no território, onde essa característica fomentava uma economia solidária aos serviços locais, como costureiras, bodegas e armarinhos. As relações de vizinhança, comprometidas com a educação e com o desenvolvimento comunitário, davam suporte a uma infância segura e a uma adultez copartícipe e colaborativa nas vidas uns dos outros. A vizinhança agia com muita responsabilidade aos cuidados das crianças na mesma rua, acolhendo a alimentação delas, auxiliando com a atenção nas ruas durante as brincadeiras, até mesmo na vigilância enquanto os pais estivessem em horário de trabalho. Esse caráter estreito entre as relações do bairro, trouxe uma analogia dos próprios moradores, de que a Torre seria uma grande aldeia, com hábitos coletivos de amparo que perduram por uma vida inteira e marca profundamente a experiência de vida das pessoas, iluminando o pertencimento territorial e identidade comunitária.

O bairro da Torre tem uma atmosfera de laço comunitário, muito forte, muito forte. E eu, quando criança, as relações com a vizinhança, as relações com os demais moradores, era uma relação, assim, fraternal. Eu já tava bem pertinho da praia. Parece ser o sonho de todo mundo ir para praia. Mas o meu foi regressar à Torre. Eu acho que, o que fez eu voltar aqui para o bairro, e querer tá aqui no bairro, é essa grandeza

de fazer parte da história desse bairro que é único e cosmopolita, e de fortes laços comunitários que a gente não encontra em qualquer bairro. É uma coisa que parece mais uma aldeia, onde você é acolhido e acolhe as pessoas, e se relaciona de uma forma ancestral, de um vínculo ancestral. Meus pais se criaram sendo amigos da geração deles, e eu me criei sendo amigo da terceira geração. E assim se sucedeu. O lazer cotidiano é a Praça São Gonçalo, onde eu nasci, fui criado. Carrego o meu filho para lá, para ele também crescer onde o pai dele cresceu. (Jairo Pessoa)

A Torre é uma família. Lá atrás todas as famílias conheciam uma à outra. As casas de pau-a-pique eram muito simplórias, mas aguentavam muito tempo ruim. As palhas de coqueiro eram trançadas e depois subiam e faziam a amarração para o teto. Não respingava água dentro de casa. Incrível! Era uma coisa bem aldeia. Então, é você poder contar com o outro sem precisar de dinheiro ou status, até porque a Torre é formada por trabalhadores e comerciantes de mercearia. Eu sou do tempo de mercearia. Tudo era muito íntimo, então um tinha cuidado no outro. Se um menino tava na rua, uma mãe da outra família via e cuidava. Então, essa aldeia... era uma aldeia mesmo. É uma família cuidando da outra família. Fui cuidado por uma vizinha de unhas pretas, ela tomava conta de mim, me botava pra dormir, enquanto minha mãe e meu pai estavam no barracão. A gente comia nas casas dos vizinhos, um mingau que seja. Nós dormíamos lá e depois, minha mãe vinha buscar. Criei filhos no bairro da Torre, meus netos... teve neto que nasceu por aqui. Então, veja a importância desse bairro para mim. O pessoal aqui tem aquela comunhão de vizinhos. Se morasse na mesma rua que você, é reconhecida como parte da família. Isso era a coisa mais interessante e tá se perdendo. (Pai Neno)

Minha raiz! Aqui foi onde meu pai e minha mãe começaram a construir tudo. É isso que me liga à Torre. Porque tudo começou por pai e mãe. (Penha do Tempero)

No São João, as meninas iam fazer roupa pela costureira daqui da Torre. Tudo era da Torre. A gente não precisava sair para nenhum canto. (Penha do Tempero)

Minha mãe trabalhava o dia todo. Dava a hora do almoço, o vizinho ou a vizinha vinha esquentar a comida para a gente comer. Um dia desse teve uma enchente, aqui. Meu filho, os meninos correram para uma casa ali. Botaram uma senhorinha em cima da mesa. Botaram uma cadeira para ela. Muita gente aqui foi para o fogão. Fiz uma feijoada com arroz e macarrão, cozinhei ovo, levei para lá, levei para cá, porque tinham duas casas, com duas pessoas, que estavam cheias de água. Como é que iriam comer? Saí, fui me embora com aquelas combuquinha de doce. Botei a comida. Tinha que lavar a casa? Mutirão! Bora lavar a casa, levantar a geladeira, levantar as coisas ali. Têm pessoas que são bem unidas mesmo. Principalmente a Torre. Principalmente para a saúde e a fome. Tem que ser Torre. Se está precisando de um Anador, vou ver se eu tenho, vou ver se o vizinho tem. Já precisei. Às vezes, tem um dinheiro para ir, mas para voltar não tem. Eu chamo os vizinhos. (Anizeuda)

Naquele tempo não tinha dinheiro. Não era rico. Mas existia fartura de comida, porque eu já escutei muita gente falando que minha avó não deixava ninguém passar fome. Dava comida para as pessoas, inclusive os presos que estavam na cadeia aqui do bairro. Meu pai tinha um açougue e toda semana levava carne para os vizinhos. Eu acho que a sabedoria de vivência de quem cresce na Torre é uma marca muito forte da inteligência relacional de quem vive a Torre. (Jairo Pessoa)

Eu não vou mais querer essas coisas, não, eu vou mudar, vou embora. Principalmente, depois que a minha filha faleceu, eu fiquei muito triste. E a minha filha também gostava de brincar (lágrimas). (Marly)

4. Cotidiano, modos de vida e mudanças na experiência do bairro

As transformações no cotidiano do bairro, evidentes nos relatos, mostram o avanço do comércio em detrimento da característica residencial da Torre, mudando a paisagem e as relações pessoais e influenciando os modos como as pessoas vivem e experimentam o bairro. Essa metamorfose sociogeográfica pode ser observada na verticalização dos edifícios, na demolição das casas centenárias para construção de clínicas, laboratórios, escritórios e edificações com arquitetura moderna, havendo, cada vez menos, ruas com residências que se viam há vinte anos atrás.

Outro acontecimento que evidencia essas transformações é que famílias tradicionais do bairro já não residem mais no território, pois os herdeiros venderam as casas e partiram para outras localidades, ou mesmo por morte dos últimos integrantes destas famílias. Sobraram poucas residências com vestígios do passado, como paredes de taipa e banheiros no quintal, do mesmo modo que houve uma diminuição da presença de árvores nas casas e calçadas, tal como as frutíferas. No mais, o que não foi adquirido pelas construtoras imobiliárias, tornou-se ruína.

A proximidade com o Centro da cidade torna o bairro da Torre um braço em expansão do comércio central de João Pessoa. Essa transformação da dinâmica territorial determina novos usos do local, com novas explorações econômicas sendo percebidas pela presença massiva de oficinas automobilísticas, supermercados e estabelecimentos que têm seu funcionamento em horário comercial, conferindo ao bairro um movimento de pessoas e carros muito díspar entre os turnos diurno e noturno. Quando estes comércios cessam seus serviços, não há mais movimento nestas ruas, o que difere das vias públicas com um número maior de residências, onde ainda se vê moradores interagindo através de jogos de tabuleiro ou das conversas corriqueiras.

Porém, essa não é mais uma realidade intrínseca ao bairro da Torre, pois no período da noite, a maioria dos moradores se queixam da falta de segurança com menos pessoas circulando pelo território, causando o aprisionamento dos habitantes nas próprias casas, contrastando com a liberdade vivenciada na época em que existiam mais residências do que estabelecimentos comerciais no território. Havia um modo de vida mais coletivo nas calçadas e ruas, praças e jardins, nos muros baixos e sem cercas elétricas, nos terraços sem grades, nas caminhadas contemplando as imensas árvores de Ipês na Avenida Beira Rio. Os novos horários para o sentimento de segurança ao caminhar pela Torre, atravessaram, inclusive, a vida noturna do bairro, que tem menor número de bares, lanchonetes e restaurantes a cada ano que se passa.

Eu tô no mercado da Torre almoçando aí eu digo assim “caramba, até um dia desse a gente tinha ali salão Tabajara”, acho que o primeiro, sei lá, o mais tradicional salão de cabeleireiro, de barbearia, e hoje virou um prédio sofisticado, um consultório. Bicho, a gente tá perdendo tudo. (Maestro Romero)

A feira já teve duas reformas. Eu participei de todas as duas. Tanto como era antigamente, eram de madeira os bancos. Hoje é tudo de alvenaria, melhor. Mas em termos de movimento, era melhor como antigamente. Você vê, reformaram, mas o movimento caiu. Bem, porque eu não sei. Eu sei que caiu. Quando era de madeira todo mundo vendia. Mas você pode fazer uma pesquisa, todo mundo vai dizer a mesma coisa: quando era de madeira, era desarrumado, mas tinha mais movimento para os comerciantes. [...] Eu gostava mais quando o bairro era residência. Comércio não. O comércio acaba com o brilho da Avenida, da rua. Acaba com tudo. Você sabe por que acaba? Porque durante o dia funciona e à noite é tudo fechado. Fica esquisito. Entendeste? 18 horas as portas estão todas fechadas. 18 horas. Eu ia para a praia a pé, para o Centro. Era lindo observar o caminho de ida e volta. Antigamente, tudo era mais movimentado porque existia mais residência, na Torre. Os vizinhos iam para a calçada, sentados, reunidos e conversando. Hoje é todo mundo dentro da sua casa. (Penha do Tempero)

Teve muita gente que quando saiu para Mangabeira, que foi o bairro que começou a crescer, muita gente que tinha casa aqui, foi morar lá. Então, as casas do bairro da Torre começaram a vender. Quer dizer, o bairro da Torre as pessoas começaram a vender. Então, os filhos daqui, que hoje quase não tem mais, venderam as casas e por isso o bairro está se tornando esse comércio, essa ganância por espaço. (Pai Neno)

Era muita brincadeira que a gente inventava na rua. Muita, com vários recursos também. E também, brincava muito de andar nos telhados das casas...eu vivia nos telhados das casas (risos). Era uma aventura ver a Torre de cima. Quase toda a casa tinha um pé de fruta no quintal, grande, e no jardim. Era goiaba, e caju, era jambo, era manga, até seriguela. Eu me lembro que tinha um que era fruta do conde que chama, que é a pinha. Tinha um na rua lá de casa. Então, assim, a gente passava o dia brincando, entre a praça e as ruas. Brincando mesmo na rua e comendo fruta. Chegava e comia fruta. Chegava em casa na hora do almoço, mas de barriga cheia, porque a gente comia muito na rua, nas árvores frutíferas. Tanto nas casas, quanto nas calçadas, também tinha muito pé de fruta, aqui na Torre. (Jairo Pessoa)

No Natal, Ano Novo, as mães botavam as mesas na rua, um trazendo um arroz, outro trazia uma carne. Quando um não tinha condições de comprar um refrigerante, fazia Ki-suco.. Botava gelo. Tinha aqueles bolos, assim, de fubá, seja lá o que for, era mais humilde. Mas a gente era feliz. (Anizeuda)

5. A violência e as repercussões na juventude da Torre nos anos 2000

Como em todo espaço urbano, a Torre não escapou dos impactos da violência que atingiu as grandes cidades. No bairro, esse fenômeno foi a florado no final dos anos de 1990 e se expandiu durante a década de 2000, afetando toda uma geração de jovens do bairro, com um número alarmante de assassinatos que tiveram como alvo essa população, dentro e fora dos domínios geográficos do território.

Os relatos evidenciaram as consequências das brigas de gangues, grupos formados pela juventude dos bairros, e que entravam em conflito nos locais de encontros noturnos, como os bailes e boates da época. Os entrevistados ainda referem o aumento da violência entre jovens na cidade, devido à facilitação na aquisição de armas de fogo e da expansão do tráfico com

acesso a drogas com maior poder viciante como cocaína e crack.

Hoje, após a implementação de políticas de enfrentamento ao armamento de fogo na sociedade, assim como aos novos regramentos que proíbem os assassinatos sem permissão pelos chefes das facções que dominam o tráfico na cidade de João Pessoa, a onda de mortes violentas entre jovens no bairro arrefeceu seus números. Mas, os impactos da violência urbana na geração de jovens da Torre, nos anos 2000, revelam a face brutal que atingiu o território neste período.

(Busca a foto que está pendurada em um quadro, na parede) Aqui é meu filho, que mataram. Aqui é minha mãe... eu perdi minha mãe, quando fez 4 meses que perdi o meu filho. Os assassinos não mataram só meu filho, mataram minha mãe também (lágrimas). Essa partida, de uma geração, eu tiro como meu filho. Você vê a situação de uma mãe, perguntando ali, perguntando aqui, perguntando ali, pra saber o que foi, quem matou seu filho que saiu para brincar e voltou no caixão. Meu filho. E como os outros, eu sou mãe. Eu lamento o que aconteceu com o Pierre, com seu irmão, com os outros. A família me liga a esse bairro, mas, ao mesmo tempo, eu tenho vontade de vender aqui. Aqui, mataram meu filho. O velório ficou aqui. Perdi minha mãe, meu ouro e minha prata. Aqui me abala muito (lágrimas). (Anizeuda)

Havia muitos atritos entre o pessoal da Torre e o pessoal do Roger. Geralmente quando saíamos da matinê, após as 21 horas. (Pai Neno)

A gente fala dessas coisas bonitas e essas coisas legais da Torre. Mas também, ele foi um bairro que, na minha adolescência, na minha infância, sempre foi um bairro muito violento. Sempre houve um acirramento das agremiações culturais. Na minha geração já foi o período do Funk, que quando chegou aqui começou a culminar nas gangues de bairro. A Torre era uma das mais conhecidas e maiores da cidade, mesmo com a densidade populacional menor. Mas é porque a galera, os jovens daqui eram muito instigados, sempre foi. Nesse período não ocorreram tantas mortes, porque naquela época pouco se tinha arma de fogo, quanto nessa geração que você falou de 1990 para 2010. Então, eu acho que essa geração aí, que sofreu mais violência, foi por conta da popularização de outras drogas mais pesadas, como a cocaína e a chegada do crack, e também da circulação de armas. A arma ficou mais fácil. Eu acho que esses dois fatores aí, deram nitroglicerina para o aumento de índice de pessoas jovens mortas violentamente. Só pensando em cabeça, já vem um outdoor de jovens que a gente sabe que se foram na praça, ou se foram nos outros territórios daqui. (Jairo Pessoa)

Foram gerados, através do software IRAMUTEQ, três gráficos referentes aos resultados deste estudo, sendo possível verificar que os elementos que compõem as categorias descritas estão ligados uns aos outros, lembrando a complexidade e o dinamismo de um território em profundo processo de transformação. Os gráficos foram concebidos por meio da Análise de Similitude, que identifica conexidade entre os vocábulos e seus contextos, dispondo estas informações de acordo com suas ligações encontradas pelo software nos relatos.

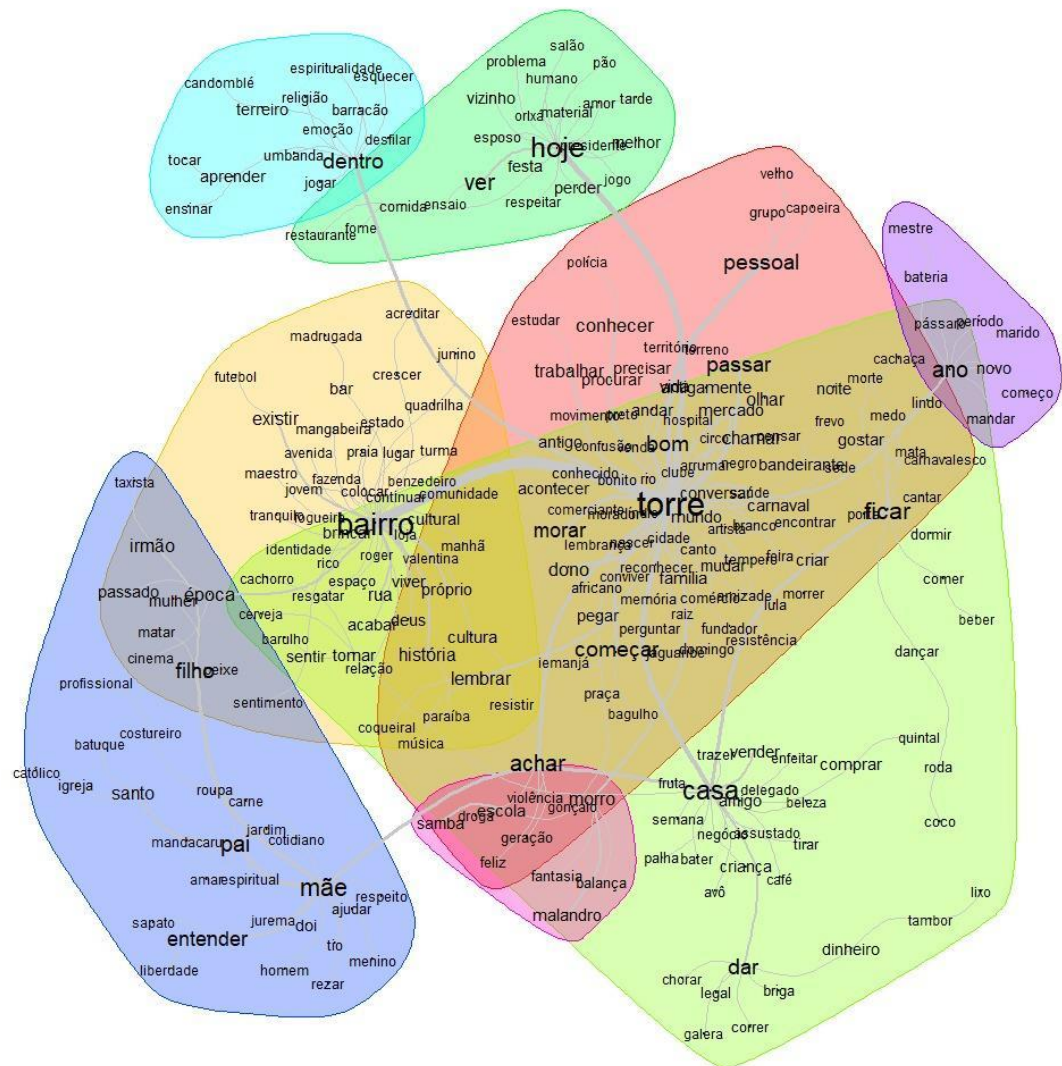
Na figura 1, Gráfico da Árvore, a palavra Torre está em evidência sobre os componentes de identidade cultural, como as instituições de cultura, a Escola de Samba Malandros do Morro, o carnaval e a boemia, e estes enlaçam-se com os elementos da espiritualidade e das tradições, como os Orixás e os africanos, onde a cultura e a história se ligam no ato de lembrar, conferindo

ação de resistência da manutenção desta identidade e da memória do bairro através da permanência das tradições locais. Ainda neste gráfico, o medo, a noite e a morte, constituintes da categoria que evidencia os impactos da violência urbana no bairro e na juventude da década de 2000, estão próximos aos termos temporais, como ano e período. Depois expandem-se para características da identidade cultural e do cotidiano. Isso constroi uma reflexão de efeitos na realização da vida comunitária perante as transformações sociais impostas pelos tristes eventos da época, e pela nova dimensão tomada pela violência urbana no território.

Na figura 2, o Gráfico da Raiz traz sentido ao enraizamento e pertencimento territorial, ligando componentes que caracterizam os vínculos afetivos e familiares, como mãe, pai, filho e irmão, aos integrantes espirituais do bairro, às religiões e às formas coletivas de viver e dar suporte à comunidade. O cotidiano surge como uma ponte entre estes elementos. Vale observar que todos eles são derivados da raiz da casa, que desemboca para o ficar, denotando pertença e resistência perante o avanço do comércio, que pode ser identificado no gráfico pelas palavras negócio e dinheiro.

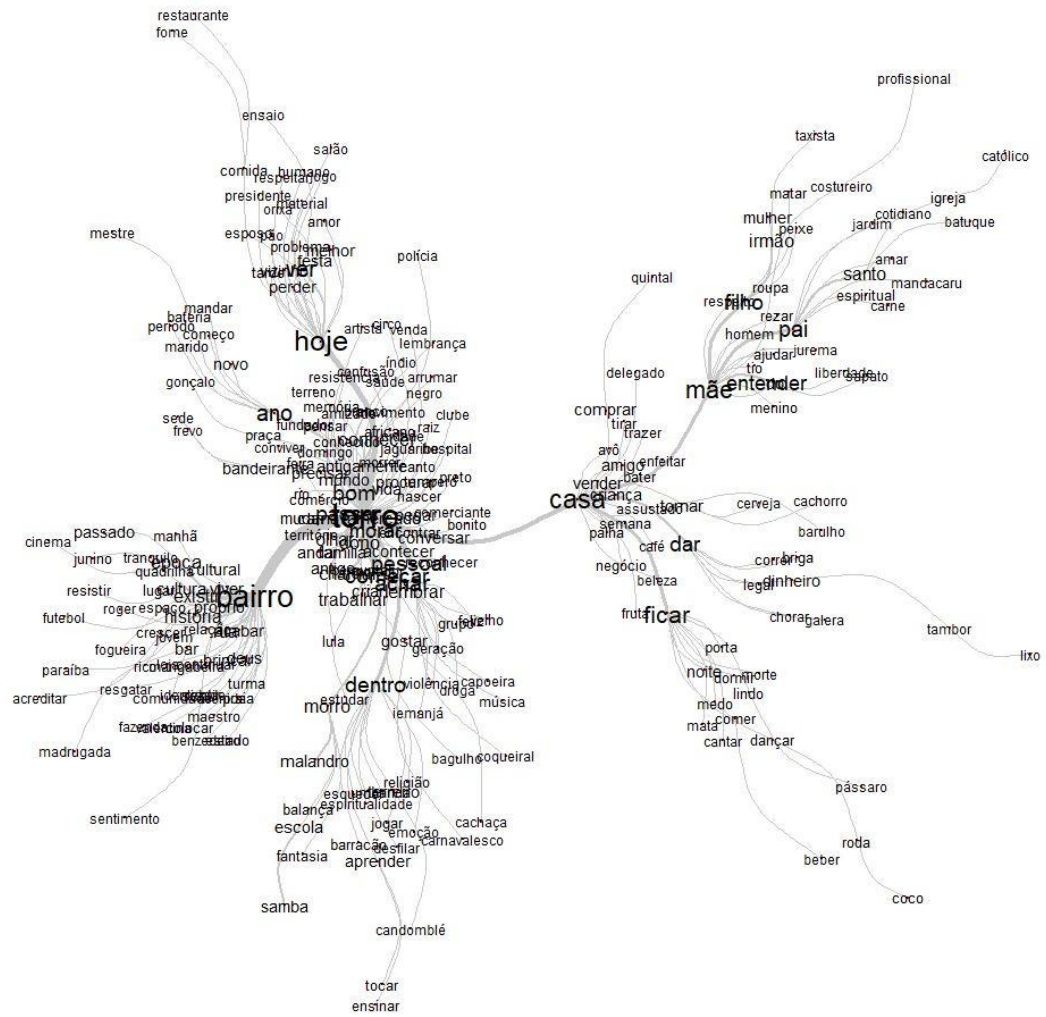
Na figura 3, a Nuvem de Palavras ressalta o bairro da Torre próximo às palavras que conferem as relações entre a vizinhança como familiares, e a palavra ficar, que está adjacente aos termos citados acima, também simboliza a perseverança da população na manutenção de si mesma no território.

Figura 1. Gráfico da Árvore



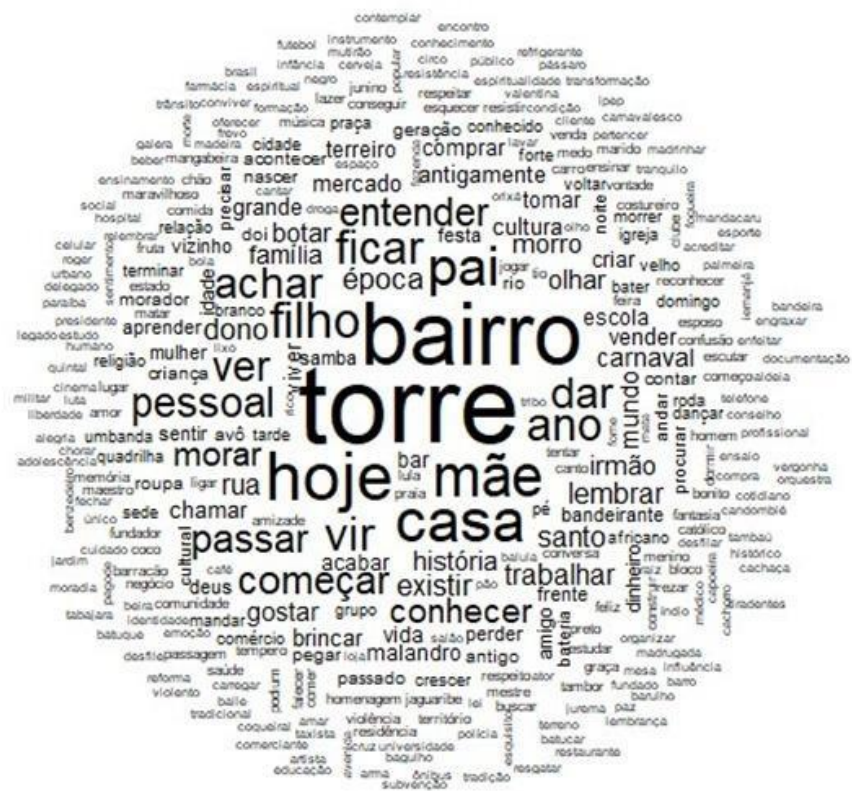
Fonte: IRAMUTEQ, 2024

Figura 2. Gráfico da Raiz



Fonte: IRAMUTEQ, 2024

Figura 3: Nuvem de Palavras



Fonte: IRAMUTEQ, 2024

Em uma análise geral, no Gráfico da Árvore (fig.1), no Gráfico da Raiz (fig.2), e no Gráfico da Nuvem de Palavras (fig.3) a evidência maior é para o território da Torre, mas que o bairro tem uma característica íntima, pessoal, e coletiva, com relações familiares muito fortes, atravessadas pelo tempo. As histórias dos indivíduos revelam os modos de existir, de se achar na própria contemplação da memória, entendendo sua época, sua identidade cultural, e a vida no bairro. Então, casa, nessa compreensão, ultrapassa as edificações e conceitos arquitetônicos. Casa é um símbolo para o acolhimento, para a fraternidade e para a celebração do encontro. Só assim o pertencimento aflora o desejo de ficar, de viver o Morro e o malandro, o antigo e o inevitável novo, o afogar-se na boêmia, e entender que pisar nesse terreiro chamado bairro, é se lançar ao mundo, capilarizando as raízes. É o samba, o molejo do morador dançando na corda bamba ao lidar com a própria finitude, e continuar com o que sobrou do que era Torre. Mas, principalmente, ser alguém que resiste e faz parte de um povo que se identifica com a fogueira de São João que insistiram em apagar, com as bandeirinhas feitas com folhas de revista e que balançam ao vento nos céus da Torre, e que acredita nas formas coletivas de se dar, sonhar e receber. A querência pela esperança depositada na procissão do devoto da Penha, pelas mesmas mãos bate o tambor à Iemanjá, e abraça a mata, os caboclos, e os originários. Que filhos da Torre vejam passar suas origens na avenida, ao som dos bumbos e dos pifos, no passo do frevo e das ala-ursas. Que observem as cicatrizes nos pés, provenientes da longa jornada até aqui, e da saudade que mata, nesse carnaval de brincante, na construção da lembrança perpétua, que um dia se apagará.

5 DISCUSSÃO

5.1 *Através da memória: eu sou*



Nas reflexões acerca das relações da identidade da população brasileira com a sua cultura e o seu território, o antropólogo Roberto Damatta, em sua obra *O que faz o Brasil, Brasil?* (1986), trouxe elementos que demonstram a complexidade da compreensão destas relações identitárias na formulação da ideia de um Brasil como um território que não é uma expansão cultural unicamente da influência colonial portuguesa, e sim um lugar com identidade própria:

É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única e sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval [...]. Não se trata de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História (Damatta, 1986, p. 8).

Nesse sentido, além de ser um conceito definido política e geograficamente, um território representa um lar, um local de afetos e memórias. A ideia de que esse local é uma entidade viva, que evolui e se transforma ao longo do tempo, é um aspecto importante a ser considerado na compreensão da construção da identidade e das relações dos indivíduos com a história local, que é permeada pela memória coletiva e evidencia a existência de um povo em determinada localidade (Damatta, 1986).

O território é o lugar onde vivemos, influenciado pelo que percebemos e entendemos. Culturalmente, ele é definido pelas relações históricas de seu povo, dando significado ao mundo vivido através do campo simbólico que possibilita aos sujeitos uma complexa rede de relações sociais por meio de signos, práticas e valores (Furtado; Pedroza; Alves, 2014). Estamos em constante formação cultural, tendo como base as relações com o espaço, as pessoas, os objetos e instituições de forma intersubjetiva. Então, o território é muito mais do que um espaço físico delimitado por fronteiras: é onde as experiências individuais e coletivas se entrelaçam para criar uma identidade cultural própria. Ele é concebido a partir dessas experiências, pois são as manifestações culturais, como festas, ritos, mitos e crenças, que acabam por marcar a história e o simbólico do lugar por meio das tradições, que se mantêm ao longo do tempo. As tradições culturais são transmitidas de geração em geração, adaptando-se ao contexto histórico e orientando relações significativas com o local (Santos, 2008; Rocha; Almeida, 2005).

Um dos exemplos da tradição e cultura popular do bairro da Torre foi a presença das benzedeiras e rezadeiras no cotidiano da comunidade, que hoje não existem mais no território. Essas mulheres dominavam saberes chamados de etnoconhecimentos, nos quais experimentações de povos (afrodescendentes, indígenas, caiçaras, da comunidade rural, erveiros, etc) são transferidas intergeracionalmente para o cuidado altruísta dos males do corpo e do espírito através de rituais, plantas medicinais, e da fé (Medeiros; Albuquerque, 2012). A diminuição da existência de benzedeiras nos espaços urbanos se dá pelo descrédito dado, pelas elites e pela medicina hegemônica e oficial, às suas práticas, tidas como folclóricas e ineficazes, e pelo desinteresse das novas gerações na continuidade dessas práticas (Siqueira, 2021).

As erveiras, assim como Dona Penha do Tempero, são pessoas presentes nas ruas ou

feiras livres, e reconhecidas pela cultura popular para indicação, preparo e comercialização de plantas medicinais. Seu comércio se baseia no manejo de raízes, folhas e ervas para produção de chás, lambedores, emplastros, tinturas, assim como para fins alimentícios na feitura de temperos naturais (Freitas; Coelho; Azevedo; Maia, 2012). Porém, a procura por essas pessoas e seus conhecimentos ancestrais vem sofrendo diminuição acentuada devido à desqualificação dos saberes populares, junto à exaltação do conhecimento científico como único saber verdadeiro e oficial. Com o avanço da indústria farmacêutica e da produção em massa de medicamentos sintéticos e industrializados, as pessoas não têm mais que despender tanto tempo no preparo de plantas medicinais para suas enfermidades. Isso tem impactado negativamente a economia dessas bancas de comercialização de plantas medicinais, na Torre e em territórios de grandes centros que estão passando por processos de transformação sociocultural com as novas tecnologias e modernização das sociedades (Figueiredo, 2022).

Os processos de transformação socioespacial pelos quais o bairro da Torre vem passando através dos anos, têm conferido mudanças de paisagem e de comportamento profundas, como a demolição de casas centenárias e de sedes de instituições de cultura para construção de estabelecimentos comerciais e estacionamento, a diminuição da frequência dos moradores nos poucos bares noturnos ainda em funcionamento no bairro, e o menor engajamento da população em associações comunitárias para manutenção e resgate de suas tradições. A cultura local tem encontrado a cultura global, através da globalização que tenta homogeneizar a cultura pela imposição dos valores universais nas localidades. Os elementos e projetos globais intervêm nas culturas locais, transformando-as ou substituindo-as. Através do discurso de alcance maior para a comunicação da diversidade cultural global, a globalização, além de transformar as culturas locais, transforma sua identidade (Silva, 2010).

Os protagonistas das tradições populares têm sido habilidosos ao evitar a destruição de parte da memória coletiva, pois reconhecem que isso equivale a menosprezar algo que também faz parte deles. Defender esse aspecto simbólico é crucial para manter a identidade individual e coletiva, o que caracteriza os processos de resistência cultural engendrados pelas entidades de cultura popular, construídos por meio da articulação com seu entorno para preservação dessa memória. Caracterizam-se, também, por reações defensivas contra as condições impostas pelas transformações globais delineadas pela modernidade, que ameaçam as práticas culturais e a identidade local. Resistir envolve as culturas defenderem suas características distintivas, articulando estratégias para manter sua própria história e seus modos de existir no tempo (Santos, 2008).

Na Torre, ações de solidariedade comunitária se contrapõem à ausência de apoio do

poder público, ou mesmo da iniciativa privada, e à insuficiência do subsídio financeiro para manutenção das instituições de cultura do bairro. O financiamento das demandas necessárias para a existência ativa destas manifestações culturais vem da colaboração da própria comunidade e dos próprios brincantes. As atividades são construídas a partir da coletividade e do esforço e criatividade das pessoas envolvidas com os projetos e eventos tradicionais. O desejo de perpetuação da memória do bairro atravessa as gerações, que insistem em dar continuidade ao fomento cultural da Torre, contribuindo para a permanência do samba na capital paraibana e para o resgate do São João no bairro, com a oficialização da sede da Malandros do Morro como nova sede da Quadrilha Junina Paraíba, original do bairro do Roger, desde abril de 2024.

Esse legado de preservação cultural no bairro da Torre também se amplia para a luta pela (re)existência dos templos religiosos de matriz africana no território. Nos anos 1930 e 1940, a Jurema teve forte presença no bairro, e seus templos e integrantes tiveram sua religiosidade registrada pelos pesquisadores das Missões de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade. A perseguição policial e de religiões hegemônicas, como o catolicismo, tornaram esses templos de Jurema e Umbanda verdadeiros ícones de resistência, pelo seu direito ao assentamento na comunidade da Torre (Serrano, 2018).

A relação espacial que as religiões de matriz africana têm com os territórios estendem os espaços sagrados para além do terreiro, ou *Ilê*. Eles ocupam os territórios circunjacentes, como as encruzilhadas, territorializando o axé nos assentamentos através dos ebós (oferendas), conectando-se assim, aos espaço e tempo ancestrais. Ou seja, é uma religião territorial, de memória tanto ancestral quanto dos territórios africanos, que são conexos e rememorados a partir de seus rituais. Entretanto, a discriminação religiosa e a perseguição policial, presentes há longo tempo no cotidiano dessas religiões, bem como as transformações da paisagem territorial, forçam processos de deslocamento, que restringem historicamente o acesso do povo de santo ao território. (Sales Júnior, 2014).

Os rituais de culto aos Orixás foram menosprezados a uma seita minoritária, como uma instituição religiosa presente apenas nas periferias, com redução em sua capacidade de produzir e reproduzir seus modos de vida. Como os templos também são, geralmente, as casas das famílias proprietárias, abrigando Orixás e pessoas, ainda há a problemática do não usufruto dos benefícios de imunidade tributária, como a isenção do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), garantida pela Constituição Federal de 1988 às sedes de instituições religiosas. Todos esses movimentos vêm exigindo extensas readaptações das casas de axé e, caso isso não ocorra, existe a possibilidade da extinção dos templos de religiões afro-brasileiras nos territórios, como

foi visto no território da Torre, resistindo apenas dois templos atualmente (Sales Júnior, 2014).

Essas instituições e manifestações da cultura popular desapareceram ou diminuíram bruscamente sua existência no bairro. A Escola de Samba Malandros do Morro e a agremiação de frevo Os Bandeirantes da Torre são exemplos de resistência perante esse processo de transformação que mutila as singularidades do bairro. Logo, as entidades regionais de fomento à cultura têm um importante papel na proteção e preservação das tradições culturais, salvaguardando a identidade do seu povo perante a homogeneização cultural da globalização (Silva, 2010).

A memória do bairro, aquela que é concebida da ação dos indivíduos sobre o local, desvela as lembranças significativas do território no tempo-espço, estabelecendo a construção contínua da história do lugar. A formação da identidade é um processo complexo em que os sujeitos se conectam com o contexto aos quais estão inseridos. Logo, quando a população da Torre vivencia manifestações culturais como a ciranda, o coco de roda, a capoeira, o frevo, o samba, o carnaval e os festivais de música como o Cantatorre, assim como os bares, praças e procissões, a vida e a memória dos moradores é permeada por esses elementos, que conferem características que identificam singularmente a comunidade com o bairro. (Costa; Maciel, 2009; Furtado; Pedroza; Alves, 2014).

Mas, o que torna a Torre, Torre? Pensando nas singularidades deste bairro, o seu território é visto como único desde sua configuração geográfica, planejada pelo projeto urbanístico de modelação e extensão de João Pessoa, nos anos de 1930, no formato de um leque, ou de um semicírculo, diferenciando-se dos demais territórios da capital paraibana. Como um dos mais antigos bairros da cidade, tomou a dianteira no crescimento da capital paraibana, sendo a ligação entre o Centro da cidade e o Leste, onde estão as praias. Nos seus primórdios, quando as terras da Torre ainda eram propriedade de Joaquim Vicente Torres, o fundador do bairro, foi espaço de apoio e ponto de encontro para os vendedores de peixe e transeuntes da estrada velha, que ligava o território central da cidade à praia de Tambaú, sendo a aurora de suas características de comerciais. Atualmente, o bairro da Torre ainda detém a ideia de território de conexões, ligando os bairros da Zona Sul ao Centro; o Centro aos bairros da Zona Norte e às praias pelas Avenidas Presidente Epitácio Pessoa e Beira Rio. Assim, o bairro não apenas serve de passagem para pessoas destes outros territórios, como é um local onde essas pessoas podem pousar e realizar suas compras no Mercado Público da Torre, o único com atividade comercial em todos os dias da semana, e um ícone cultural de João Pessoa, com diversos atores que realizam a manutenção das tradições culturais do bairro, como as erveiras e raizeiros (Serrano, 2018).

O cotidiano da Torre é inspirado por religiosidade, sendo o berço de dezenas de terreiros

que auxiliaram na firmação dos cultos das religiões de matriz africana na Paraíba e na luta contra o racismo e discriminação religiosa no estado, e pelas procissões católicas, sendo a mais frequentada a Romaria da Penha. A arte e a boemia também compõem a essência da Torre, juntamente com os diversos artistas oriundos do bairro, entre músicos, compositores, poetas, bailarinos, escultores, pintores e carnavalescos. Como Balula disse: “Ser da Torre é ser boêmio, ser da Torre é ser cultura, ser da Torre é ser artista”. Não se torna uma tarefa difícil encontrar alguns desses filhos da Torre tocando seu violão num bar, grafitando paredes dos espaços, ou confeccionando estandartes de blocos carnavalescos. O bairro é palco do Carnaval Tradição desde 1918, com o encontro de diversas agremiações carnavalescas de todos os territórios da cidade. Sua juventude tem engajamento cultural nas mais de dez Alas- Ursas, agremiações de batuqueiros com sonoridade e rítmica únicas, que têm suas origens nas comunidades Brasília de Palha e Padre Hildon Bandeira, territórios anexos ao bairro (Serrano, 2018).

Diante disso, a Torre é um território com memória coletiva que resiste ao tempo, não só pelos moradores do bairro, mas também pelos que utilizam o local pelo seu comércio ou seu lazer. Se a identidade de um território é concebida pelas relações socioespaciais através das experiências dos atores que o vivenciam, e a memória social é base para a constituição da identidade individual e coletiva, então vale afirmar que a Torre é feita de gente que faz a Torre, entre originários e passantes. Compreender como essa gente compartilha as tradições locais e a espiritualidade de seus ancestrais nos permite mergulhar nas suas tradições e na forma como elas se manifestam no coletivo e o singularizam, num processo de construção da história individual e da história da comunidade.(Furtado; Pedroza; Alves, 2014; Rocha; Almeida, 2015).

5.2 Através dos vínculos: eu pertença

*Eu me perdi pelas tuas avenidas,
ruas, becos, vilas e vielas...
Hoje me encontrei.
(Hélio Serrano, 2018)*

Pertencimento é a sensação de integrar-se a um grupo, comunidade, família ou nação. Está relacionado ao sentimento de ser reconhecido e ter sua dignidade, cultura e diferenças respeitadas. Pertencer também implica em ter participação ativa, ter voz nas decisões e resoluções de conflitos, ou seja, é a parte contributiva de um indivíduo para um grupo ou uma comunidade (Rosa apud Estanislau, 2023).

Na Torre, a forte identidade cultural, historicamente construída por vínculos ancestrais, familiares e de afetos comunitários, configura uma população, em sua maioria, engajada na

manutenção de sua memória coletiva e da história local. O pertencimento territorial está intrinsecamente ligado aos signos identitários que os sujeitos de uma comunidade percebem na localidade onde vivem, e aos atos de resistência e defesa do que lhes pertence (Raffestin, 1993).

Embora o bairro esteja muito associado à intensa atividade econômica realizada não só pelos moradores do local, mas também pelos habitantes da cidade de João Pessoa, ainda se confere à Torre um lugar de laços comunitários muito próximos entre vizinhos, que se solidarizam em momentos adversos e fomentam modos de vida coletivos para o desenvolvimento da comunidade. Os cuidados assistidos às crianças da mesma rua, o suporte à educação destas e a oferta de alimentação, mesmo que não sejam filhos, as reuniões para comemorações coletivas de datas especiais, as ações solidárias contra a fome e nos eventos climáticos que desabrigam as pessoas, como as enchentes, expressam relações socioespaciais que podem ser caracterizadas de acordo com o conceito de relações horizontais de Milton Santos (2001). Essas interações sociais se baseiam nas relações de vizinhança e de proximidade, constituindo zonas de contiguidade em um espaço banal, que é aquele que serve de abrigo a todos, onde coexistem empresas, instituições e pessoas. Os atores desse espaço são reconhecidos através de sua contiguidade, ou seja, na sua relação com a vizinhança. O espaço geográfico da Torre sustenta e exemplifica uma produção local de interdependência, onde a coletividade confere à população do bairro o sentimento de pertença (Santos, 2001).

Para Milton Santos (2006) a proximidade entre as pessoas intensifica a coletividade de um lugar e a sensação de fazer parte deste. A vizinhança da Torre gera laços comunitários movidos pela afetividade através da proximidade, a exemplo das pessoas de uma mesma geração que, ao compartilharem suas experiências no convívio comunitário, atribuem aos amigos características de parentesco, considerando-os como parte da família. As relações sociais vivenciadas coletivamente no bairro, como as experimentadas nos eventos e manifestações culturais, nas relações de respeito intergeracionais, na celebração de sua ancestralidade, resultam em um fomento local de integração solidária através das conexões horizontais. Em uma analogia, seria um modo de vida fraternal, de irmandade como uma condição de vizinhança, contíguo e tendo como práxis a interdependência comunitária, gerando solidariedade, laços culturais e identidade (Santos, 2001; 2006).

A natureza da solidariedade, no contexto das relações entre os habitantes da Torre, é socioeconômica, cultural e geográfica. Geográfica e cultural porque se constitui em um território que abriga um povo que se reconhece em comum, na sua identidade territorial e na

defesa do que lhes pertence e daquilo a que são pertencentes. Sua natureza socioeconômica pode ser verificada no fomento da economia local pelos seus moradores, em que serviços como o reparo de roupas e a confecção de fantasias para o Carnaval e as quadrilhas juninas são delegados às costureiras locais, ou na aquisição de produtos dos pequenos comércios no Mercado Público, das bodegas e armarinhos ainda existentes no bairro, auxiliando a subsistência local. Essas ações expressam um estado contínuo de defesa da permanência dessas formas de convívio reguladas pelo próprio território, a despeito das forças globalizantes que tentam homogeneizar as localidades. Essa rede de suporte comunitário do bairro da Torre serve ao pertencimento como um elemento de inclusão social, no qual as ações da comunidade atuam contra a exclusão e a invisibilidade social causadas pela lacuna de atenção à população pelo Estado (Santos, 2001).

A memória também se faz bastante importante nos processos de construção das percepções de pertencimento, pois delas vêm as imagens e ideias, os valores e afetos coletivos dos vínculos que se fortalecem através da evocação das experiências. A infância na Torre, em seu passado, era permeada de atividades nas ruas, do convívio com grupos na realização das brincadeiras, da estimulação da criatividade artesanal para formulação de objetos para o brincar, e das aventuras ao subir nas árvores de jambo, nas goiabeiras, servindo-se na natureza de uma saborosa fruta. Essas vivências coletivas formaram lembranças que conectam pessoas de um mesmo espaço-tempo territorial e que, ao serem rememoradas, permanecem vivas no memorialista. Esse fenômeno se dá, também, nas relações das pessoas com os antepassados, pois mesmo que estes já não estejam presentes, sua influência continua a orientar iniciativas no tempo presente e modos de existência na comunidade. É o caso de Mestre Balula, falecido em 2008, deixou um legado de lutas sociais no bairro da Torre, como a implementação de uma política antirracista na Escola de Samba Malandros do Morro, que ainda reverbera nas gerações de integrantes da Escola atualmente. A forma como Mestre Balula estimulava os integrantes da Malandros na idealização e confecção das alegorias e adereços, na composição dos sambas-enredos sobre a ancestralidade negra e indígena do bairro, impunha uma crença na criatividade do povo da Torre e nos seus antepassados. Hoje, Balula vive na memória dos torrelandenses e nos modos como essa população reverencia seu passado e sua história, através de seus ensinamentos (Frochtengarten, 2005).

Simone Weil traz o termo “enraizamento” como analogia aos processos de identificação sociocultural. Para ela, o humano sem raízes não pertence ao próprio contexto e se desconecta da coletividade. As raízes são o que sustentam a identidade individual e dos grupos, pois o ser

humano se constrói através delas, o que acarreta sua participação real na existência de um povo que preserva ativamente os tesouros e heranças do passado. Na Torre, as relações com os mais velhos são tidas como algo essencial para a manutenção da história local e a formação de pertencimento territorial aos mais novos, pois a transmissão de saberes alicerça o recebedor nas raízes da identidade cultural. Os ensinamentos, os conselhos, as histórias e as origens familiares fazem parte do processo de fortalecimento dos vínculos entre as gerações no bairro da Torre. Enraizar-se é pertencer a um território, a um grupo e a um povo (Weil, 2023).

5.3 Através do tempo: eu- processo

Dentre as várias conceituações para território existe uma que o apresenta na relação entre suas especificações geográficas, políticas, socioeconômicas e culturais, e o dinamismo das mudanças constantes que o assolam. É o território-processo (Mendes, 1993). Este conceito parece dialogar muito bem com a história do bairro da Torre, pois desde sua aurora foi um ponto de expansão urbana da capital paraibana, conectando o Centro à praia nos anos 1920, quando também surgiram suas primeiras edificações. Em 1941, quando já era denominado Torrelândia, o território foi inovador ao proporcionar outros usos à população, pois além de ser residencial, já aliava-se a estabelecimentos comerciais. Na década de 1980, a paisagem da Torre sofreu uma mudança drástica com a aceleração do avanço do comércio pelas principais vias do bairro. Pequenos estabelecimentos como bodegas, quitandas, drogarias, padarias, armazéns, fiteiros e casas de ferragem foram substituídos por um comércio de grandes dimensões e pelo setor médico-farmacêutico. A história do bairro da Torre é permeada por um território de características residenciais e comerciais, sendo aspectos territoriais que perduram até os dias atuais, mas com profundas reconfigurações (Serrano, 2018).

Atualmente, o comércio de grande porte, como os supermercados, as concessionárias de automóveis e a especulação imobiliária com a construção de clínicas e escritórios tomam conta do espaço geográfico e interferem nas formas como as pessoas realizam seu cotidiano. Aqui, podemos retornar aos estudos de Milton Santos (2001) sobre as relações socioespaciais e caracterizar uma outra dimensão interacional que existe no bairro da Torre nos dias de hoje: as relações verticais. Diferentemente das relações horizontais, representadas pela proximidade da vizinhança e da regulação interna das decisões tomadas no território, elas são construídas a partir das atividades econômicas de produções hegemônicas, nas quais quem regulamenta e determina as regras do local são os macroatores, geralmente externos ao território, que são indiferentes à sociedade local. O que move estas relações é a globalização com as empresas

dessensibilizadas aos interesses da população do território. Uma das consequências destes avanços é a gentrificação. Esse fenômeno predominantemente urbano envolve melhorias físicas ou estruturais e mudanças econômicas e sociais em áreas urbanas antigas que experimentam um aumento significativo em seu valor e prestígio. Estas áreas são ocupadas por pessoas de classes socioeconômicas com maior poder aquisitivo, deslocando as classes de menor remuneração que habitavam o local. Na Torre, a abertura de grandes hospitais privados em áreas próximas à comunidade Padre Hildon Bandeira, território anexo ao bairro, tem estimulado a construção de diversas clínicas ao redor destes hospitais, movendo do território os moradores locais, os desapropriando de suas origens comunitárias (Santos, 2001; Bataller, 2012).

Um dos ícones do bairro, o Mercado Público da Torre, passou por várias mudanças estruturais que visivelmente modernizaram suas instalações. As mercadorias expostas ao chão foram substituídas pelos bancos de madeira, que por sua vez extinguíram-se para dar lugar às bancas de alvenaria padronizadas, que reconfiguraram a localização dos comércios dentro do mercado. Houve uma melhoria arquitetônica e de acesso ao espaço, porém os comerciantes de produtos tradicionais do mercado como ervas, temperos naturais, plantas medicinais, goma de tapioca, mercearia e aviamentos reclamaram da queda nas vendas após as últimas reformas. A urbanização direcionada pelo capital torna escassa a proximidade entre a vida compartilhada por uma população e o local, onde as pessoas são expropriadas da geografia do lugar. Isso tem ocorrido nas grandes cidades que são invadidas por grandes obras, desapossando lembranças e impactando negativamente o suporte da memória local (Frochtengarten, 2005).

Quando as pessoas são alienadas com movimentos incompatíveis com a autorreflexão, elas são afastadas de si mesmas, isoladas dos vínculos historicamente construídos pelos valores familiares e comunitários e da comunicação com a coletividade. Esse processo foi denominado por Simone Weil (2023) como o desenraizamento. Ele causa um efeito prejudicial aos modos de vida coletiva, desconectando os indivíduos do passado e de suas experiências vividas, tornando suas vivências fadadas ao isolamento e dizimando a ligação entre a identidade dos sujeitos e suas origens. O avanço do comércio e a especulação imobiliária impactaram no bairro da Torre novas explorações econômicas e mudanças de paisagem, mas também afetou os modos como as pessoas vivenciam o território, principalmente as que moram no bairro. A atividade econômica das grandes empresas conferiu à Torre um grande tráfego de trânsito e de pessoas durante o dia, mas à noite, as ruas com predominância de estabelecimentos comerciais têm um acentuado esvaziamento, caracterizando um lugar inseguro para a mobilidade durante esse turno. Esse fato destituiu os moradores do trânsito por entre as ruas do bairro após horário

comercial, das conversas nas calçadas e do lazer em bares e restaurantes noturnos, com prejuízos econômicos para esses estabelecimentos locais. Isoladas em suas casas, as pessoas vivem uma ruptura da experiência urbana local coletiva causada pelos imperativos econômicos que passam a mediar as formas de existir no território, ameaçando as tradições e a memória social (Frochtengarten, 2005).

Outro elemento da seara da segurança pública que alavancou uma mudança brusca no modo como os moradores da Torre vivenciam o território foi a violência urbana, principalmente a sofrida pelos jovens entre 15 e 24 anos durante a década de 2000 e 2010. Nessa época, João Pessoa tornou-se a segunda capital nordestina com mais ocorrência de homicídios referentes a essa população, chegando a uma crescente de 227% no período entre 1980 e 1999. Os delitos criminosos causados por armas de fogo representaram 87% desse total (Lima, 2014). Vale salientar que no início dos anos 2000 houve o crescimento das facções criminosas Okaida e Estados Unidos na cidade de João Pessoa, e um dos modos de expansão da Okaida foi o recrutamento de menores de idade, configurando uma grande presença da juventude no âmbito do tráfico de drogas, tornando-os as maiores vítimas dos conflitos entre as duas facções. A vinculação da facção paulista Primeiro Comando da Capital (PCC) à Okaida e o aumento da oferta de drogas acirraram a rivalidade entre os traficantes locais (Machado, 2019). Na década de 2000, o número de homicídios com armas de fogo ultrapassou 80% em seis capitais. Observou-se um crescimento acentuado da mortalidade por homicídios com armas de fogo especialmente em João Pessoa (Peres; Santos, 2005). Estas informações constataam os motivos para o aumento da mortalidade violenta entre os jovens do bairro da Torre, relatados pelos entrevistados desta pesquisa.

Desse modo, os parentes das vítimas podem vivenciar o processo de desenraizamento com a ruptura biográfica de seus jovens. Perante o trauma inexorável, a vida perde significado, gerando um esgotamento da identidade consigo e com o local, concebendo desejos de deslocamento territorial ou mesmo a desvinculação com manifestações culturais, tal como a descontinuidade de atuação em atividades culturais antes compartilhadas com o ente querido (Frochtengarten, 2005).

Ao relembrar esse momento trágico na comunidade da Torre, também torna possível visibilizar as histórias ocultadas pela brutal face da violência urbana que assola a sociedade, inviabilizando existências através da máquina capital da desigualdade social. Debruçamo-nos sobre as histórias que são relatadas. Mas e aquelas que não foram contadas ou não tiveram a

oportunidade de o serem? É preciso saber das histórias que foram violentamente interrompidas, dilaceradas, sepultadas, revolvendo o passado e documentando as histórias de atores do bairro que desejaram apagar. Dar luz às suas existências ilumina todo o povo e a história da Torre. São Andrés, Alissons, Patinhos, Javas, Diegos, Thales, Hilquias, Joãoes, Maycons, Waleasons, Getúlios, Lecos, Williames, Renans, Titas, Dedés, Miales, Pedros e Daniel.

*A sua ausência passou por mim como a
linha através de uma agulha. Tudo que
faço é costurado com a sua cor.*

(W. S. Merwin)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS?

*Nem todo amor é bandido, todo sonho é legal. Nem todo beijo é
ardido, toda paixão é fatal. Nem todo abraço é à vista, todo mundo é
artista. Nem um ponto de vista vai ser ponto final.*
(Oswaldo Montenegro)

Ao oralizar a própria história biográfica, o narrador evoca memórias da história coletiva de um lugar. Não se trata apenas de uma contemplação do passado, mas da participação ativa na constituição da história local. Os participantes desta pesquisa, quando resgatam suas experiências no território da Torre, contam através de suas histórias de vida individuais partes de um todo histórico socioespacial do bairro. São contribuições ativas para a construção da história da comunidade a partir de elementos que lhe conferem significado, identidade cultural e singularidade territorial.

Dona Marly foi uma das fundadoras da Escola de Samba Malandros do Morro em 1956, e o Maestro Romero continua esse legado cultural sendo o atual diretor da agremiação. Pai Neno, por sua vez, continua na resistência ancestral dos ritos e permanência do assentamento de um dos dois terreiros de religião de matriz africana remanescentes no bairro, em atividade há cinquenta anos. Penha do Tempero dá luz às tradicionais ervateiras e benzedadeiras, históricas mulheres detentoras de saberes populares para o cuidado ao outro, na sua banca de temperos e ervas no icônico Mercado Público da Torre. Jairo e Anizeuda são testemunhas da solidariedade entre os moradores da Torre, dos horrores da violência no território, das ruas ainda por serem calçadas e das casas de taipa, hoje substituídas por edifícios de alvenaria. Ambos fomentam a ludicidade do Carnaval local. Todos são espectadores das transformações sociais, culturais e

espaciais que impactam as localidades dos espaços urbanos das capitais.

Os elementos culturais citados acima tiveram e têm contribuição ativa dos participantes desta pesquisa. A histórica relação destes elementos com o território da Torre faz com que a história individual dessas pessoas, que participaram e participam da fundação e da manutenção dessas tradições locais, esteja imbricada à história da comunidade, como se cada um tivesse ajudado a escrever as páginas que contam o trajeto de existência do território da Torre e do seu povo.

Os valores simbólicos dados pela população ao bairro expressam sua identidade coletiva. São signos e práticas que constroem a memória social gerada pela experiência comunitária. Os atos de resistência para a manutenção das manifestações tradicionais de cultura dão suporte para os principais elementos icônicos do bairro, que singularizam o território na capital paraibana como o Carnaval Tradição, realizado na Torre desde 1918, os blocos de frevo, a Malandros do Morro, e o charme da sua boemia noturna com seus artistas e bares. Ao mesmo tempo, o bairro se caracteriza por sua intensa atividade econômica, caracterizada principalmente pelo Mercado da Torre, mas também pelas grandes redes de supermercado e farmácia, oficinas e concessionárias de automóveis, hospitais privados, escritórios e clínicas.

O bairro também é desenhado pela diversidade de suas crenças e ritos, sendo cenário de procissões, como a Romaria da Penha - uma das maiores do Nordeste -, cultos evangélicos e rituais dos terreiros de Umbanda e Jurema. A relevância da identidade territorial da Torre levou ao registro de suas manifestações tradicionais pelas Missões de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade em 1940.

A sensação de pertencimento ao bairro está completamente relacionada às percepções de identidade territorial. Os vínculos ancestrais, familiares e os afetos comunitários auxiliam no enraizamento dos moradores da Torre e na defesa da sua história local, pois a perspectiva de pertença também leva à defesa dos significados desse pertencimento. As relações de proximidade e afetividade entre a vizinhança trazem ao torrelandense o sentimento de fazer parte da comunidade. Os atos de solidariedade da rede de suporte comunitária, como os vistos no combate à fome e ao desabrigo, e o fomento do desenvolvimento da economia dos pequenos empreendedores e serviços locais, servem ao pertencimento como uma ferramenta muito eficiente de inclusão social.

Os modos de vida coletiva condizem com as características inclusivas do bairro, caracterizado pela presença das solidariedades e das relações de afeto entre os moradores. Com o avanço dos grandes comércios e a atuação de práticas hegemônicas da globalização, a Torre passa a ter diminuída sua característica residencial. Após o horário comercial, os moradores são

tomados por uma sensação de insegurança, o que acarreta mudanças de comportamento, com o isolamento dentro das casas, e de paisagem, com a construção de muros cada vez mais altos e cercados eletricamente. Isso difere do movimento enérgico dos turnos diurno e vespertino, bem como da vida noturna do bairro há poucas décadas, marcada pelas conversas de vizinhos nas calçadas e pela efervescência cultural. As marcas brutais da década de 2000, com as mortes violentas de jovens do território, contribuíram para o desenraizamento territorial, devastando nas famílias dessas vítimas os significados das suas identidades territoriais.

Sendo assim, faz-se necessária a reflexão acerca do planejamento de desenvolvimento urbano pautado pelas forças hegemônicas e seus impactos prejudiciais na singularidade e cultura locais. Respeitar a história dos bairros é o primeiro passo para o fomento da manutenção das tradições, da existência de um povo e da sua memória coletiva. O fomento à participação ativa dos mais jovens nas manifestações populares das localidades possibilitam a continuidade da ancestralidade através da transmissão de saberes, constituindo vínculos entre a população e sua história. O incentivo às manifestações de cultura popular por meio de políticas públicas efetivas, estimula a participação da comunidade nas entidades socioculturais do bairro.

As concepções aqui abordadas não têm a intenção de terem sua discussão esgotada, pois o próprio bairro da Torre não tem um ponto final, ou uma estagnação no tempo e no espaço. Ele é um território cheio de dinamismo e em contínuo processo de construção, tanto material, como em sua estrutura e paisagem, quanto simbólica, com sua cultura e modos de existência de seus habitantes.

Em algum tempo, as transformações urbanas podem tomar rumos inesperados. Mas entre edificações e a mata, entre estacionamentos e o rio Jaguaribe, entre os ipês e os bares, entre os abraços e despedidas, existirá uma gente que se move ao som dos tamborins e o rufar dos tambores. Sua memória coletiva não será facilmente relegada ao esquecimento, pois essa gente resiste às forças que impõem o comum. Entre mim e você existirá a Torre e a saudade, porque essa me parece uma condição de ser desse lugar: um nostálgico.

Mesmo que eu caminhe por todos os cantos do mundo, lembrarei de um tempo em que os contos sobre a existência de seis pessoas, iluminaram a minha, a do povo com o qual me identifico, e a do lugar que é meu e ao qual pertenço. Pois assim como Gil cantou, meu coração também sentirá: Onde quer que eu vá no mundo, eu verei a minha Torre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATALLER, M. A. S. O estudo da gentrificação. **Revista Continentes**, Rio de Janeiro: UFRJ, ano 1, n. 1, 2012.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde**. Sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos, 2012.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 1. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 513-518, 2013.
- CORDEIRO, G. I. Descompasso de uma etnografia: Sobre os passados presentes de um bairro. **Tempo Social**, v. 31, n. 1, 2019.
- CORREIA, R. L.; GONÇALVES, M. V. Terapia ocupacional e o direito à cidade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, 2021.
- COSTA, S. L.; MACIEL, T. M. F. B. Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, 2009.
- DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- ESTANISLAU, J. O que é o sentimento de pertencimento? **Jornal da USP no Ar**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=626504>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- FIGUEIREDO, C. A. **Manual de fitoterapia**. 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2022.
- FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; AZEVEDO, R. A. B.; MAIA, S. S. S. Os raizeiros e a comercialização de plantas medicinais em São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 147-156, 2012.
- FROCHTENGARTEN, F. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 19, n. 55, 2005.
- FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVES, C. B. Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 106- 115, 2014.
- GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico- social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.
- GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 8, p. 5-25, 2020.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JORGE, R. C. **Psicoterapia Ocupacional**- História de um Desenvolvimento. Belo Horizonte: GESTO, 1995.

LIMA, J. B. Homicídios contra população jovem em João Pessoa. **Abriosa**: Registros históricos da PMPB, João Pessoa, 2014. Disponível em <https://abriosa.com.br/homicidios-contr-a-populacao-jovem-em-joao-pessoa/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MACENA, F.; PAIVA, E. L. O método (auto)biográfico como dispositivo de formação na iniciação científica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 14, p. 815-828, 2020.

MACHADO, L. A ascensão da Okaida, facção criminosa com 6 mil 'soldados' na Paraíba. BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47942626>. Acesso em 13 abr. 2024.

MATA, C. C. Relato de uma experiência: Pensando a Terapia Ocupacional Chamoneana. **Cadernos de terapia Ocupacional**. Belo Horizonte: GESTO, n. 1, 2004.

MEDEIROS, M. **Divã**. Rio de Janeiro: Alfagarra, 2014.

MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. Verbete: Etnoconhecimento. ALBUQUERQUE, U. P. (org.). **Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife, PE: NUPEEA, 2012.

MENDES, E. V. **Distritos Sanitários**: processo social de mudanças nas práticas sanitárias para o Sistema Único de Saúde. São Paulo: Hucitec, 1993.

MERWIN, W. S. **The Second Four Books Poem**. Washington: Copper Canyon Press, 1992.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

MONKEN, M.; GONDIM, G. M. M. Território: lugar onde a vida acontece. In: BORNSTEIN, V. J. (Org.). **Curso de aperfeiçoamento em educação popular em saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016. p. 109- 112.

MOREIRA, A. B. Terapia Ocupacional: História crítica e abordagens territoriais/comunitárias. **Vita et Sanitas**, v. 2, n. 1, 2008.

NEM todo Alceu é Valença. Intérpretes: Oswaldo Montenegro e Alceu Valença. Compositor: Montenegro, O. In: A partir de agora. Intérprete: Oswaldo Montenegro. Rio de Janeiro: WEA Music, 2007. 1 CD, faixa 9.

PERES, M. F. T.; SANTOS, P. C. Mortalidade por homicídios no Brasil na década de 90: o papel das armas de fogo. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 1, p. 58-66, 2005.

QUARESMA, V. B. S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**: Revista Eletrônica dos Pós- Graduandos em Sociologia Política da UFSC. v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

QUEIROZ, T. A. N. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento

de Milton Santos. **Para Onde!?**, v. 8, n. 2, p. 154- 161, 2014.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA JÚNIOR, D. A. O Território do Cotidiano. **PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos**, Brasília: UniCEUB, v. 1, n. 1, 2006.

ROCHA, L. B.; ALMEIDA, M. G. Algumas reflexões sobre cultura, território e mundo-vivido na abordagem da geografia cultural. **Geonordeste**, São Cristóvão, ano XIX, n. 2, p. 125- 142, 2015.

SALES JÚNIOR, R. L. O terreiro e a cidade: ancestralidade e territorialidade nas políticas de ação afirmativa. **Dossiê conhecimento, política e literatura: diálogos entre Brasil e África**, v. 2, n. 20, 2014.

SANTOS, A. S. Resistências culturais como estratégias de defesa da identidade. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, 4., 2008, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Enecult, 2008.

SANTOS, M. O retorno do Território. *In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. Território- Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, R. C. A. L. Reflexões sobre a arte de contar histórias. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 5, 2020.

SARLO, B. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SERRANO, H. F. **Bairro da Torre: História, singularidade e resistência**. João Pessoa/PB: Gráfica Moura Ramos, 2018.

SILVA, A. P.; BARROS, A.R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**. UFMG: Belo Horizonte- MG, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SILVA, C. R. V. A influência da globalização nas manifestações culturais e o diálogo intercultural como genuína alternativa de respeito à diversidade e ao multiculturalismo. **Anuário Brasileiro de Direito Internacional**, v. 2, n. 2, 2010.

SIQUEIRA, A. B. Etnoconhecimento de benzedadeiras e rezadeiras: resistência ao tempo e à tecnologia. **Revista Húmus**, v. 11, n. 25, 2021.

SIQUEIRA, B. T. A história local na construção de identidades. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 30., 2019, Recife. **Anais [...]**. Recife: ANPUH- Brasil, 2019.

TOLSTÓI, L. **Anna Kariênina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TUMELERO, N. Pesquisa Básica: material completo, com exemplos e características.

METTZER, 2019. Disponível em: < <https://blog.mettzer.com/pesquisa-basica/>>. Acesso em: 01/09/2023.

WEIL, S. **O enraizamento**: prelúdio a uma declaração dos deveres para com o ser humano.

Tradução de Clarissa Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2023.

APÊNDICE - ROTEIRO DE QUESTÕES ORIENTADORAS PARA A ENTREVISTA ABERTA

1. Identificar na vida pregressa do(a) participante da pesquisa:

- 1.1 O tempo de moradia no bairro da Torre;
- 1.2 Como foi experimentada a vida no bairro da Torre e como o cotidiano era realizado em etapas pregressas do ciclo de vida do(a) entrevistado(a);
- 1.3 Quais as experiências cotidianas do passado que o(a) entrevistado(a) sente falta de realizar no território;
- 1.4 Atividades de lazer e instituições de cultura que existiam do bairro;
- 1.5 Como eram as relações entre os moradores do bairro;
- 1.6 Quais os sentimentos que envolviam as experiências vividas no bairro.

2. Identificar na vida atual do(a) participante da pesquisa:

- 2.1 Como experimenta ou usa o bairro da Torre;
- 2.2 As interações sociais no território do bairro da Torre;
- 2.3 Atividades de lazer e cultura que frequenta no bairro da Torre;
- 2.4 Elementos presentes no bairro da Torre que passaram por transformação ou deixaram de existir por diversos motivos;
- 2.5 O que faz o(a) participante da pesquisa continuar a residir no bairro da Torre;
- 2.6 Os significados de ser um(a) morador(a) do bairro da Torre;
- 2.7 Quais elementos fazem o bairro da Torre ser um território singular na cidade de João Pessoa;
- 2.8 Quais as identificações com o território que o(a) fazem sentir-se pertencente do bairro da Torre;
- 2.9 Quais estratégias podem ser executadas para que os elementos de identidade e cultura do bairro da Torre possam continuar existindo.